



Dissertação de Mestrado em Gestão

Universidade Atlântica

O Valor do Surf e das Ondas na Economia
Portuguesa

André Campos

Barcarena, Setembro de 2016



Dissertação de Mestrado em Gestão

Universidade Atlântica

O Valor do Surf e das Ondas na Economia
Portuguesa

André Campos

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Albertina Dias

Barcarena, Setembro 2016

RESUMO

O Turismo de Surf constitui uma nova oportunidade de negócio a nível mundial, fazendo parte da indústria multimilionária de turismo náutico. Portugal, pelas suas características naturais, constitui um local de excelência para a prática de desportos náuticos de deslize, nomeadamente, o surf.

Este estudo tem como principal objetivo analisar o potencial impacto que o surf e as ondas portuguesas podem ter nas economias locais da costa atlântica portuguesa. Para prosseguir a investigação foi adotada uma metodologia de observação rigorosa da realidade empírica, baseada na doutrina interdisciplinar no estado de arte, que consistiu no relacionamento das variáveis em estudo.

Assim, o estudo procurou também identificar algumas características fundamentais dos surfistas para melhor conhecer o turista de surf, qual o posicionamento de Portugal enquanto destino de surf e ainda, qual a intenção de visitar o país por parte dos surfistas internacionais. Através da realização de um inquérito à população objetivo – praticantes da modalidade desportiva – foi possível extrair algumas conclusões relativamente à relevância económica das ondas em Portugal, em particular para a prática de surf.

Os resultados comprovaram que zonas costeiras com boas condições para surf tem um valor económico potencial para qualquer país e que, Portugal está em condições apropriadas para se posicionar como um destino de surf de referência no mundo. As conclusões desta investigação poderão modificar políticas locais de desenvolvimento e alterar padrões de comportamento por parte da iniciativa privada, no sentido de entender e atender a este sector com rigor e qualidade.

Palavras-chave: surf, turismo de surf, economia local, impacto económico, ondas portuguesas, costa atlântica, Portugal

ABSTRACT

The surf tourism is a new business opportunity in the world, which make part of nautical tourism estimated to be a multimillion dollar industry. Portugal, for its natural features, is a place of excellence for water sports, including surfing.

This study aims to analyze the potential impact of surfing and the Portuguese waves can have on local economies of the Portuguese Atlantic coast. To conduct this research was adopted a strict observation methodology of empirical reality, based on an interdisciplinary doctrine in the state of the art, which consisted in the relationship of the variables under study. The study also sought to identify some key characteristics of surfers to better know the surf tourist, which the positioning of Portugal while surfing destination and the intention to visit the country by international surfers. By conducting a survey to target population - practitioners of the sport - it was possible to draw some conclusions on the economic significance of waves in Portugal, in particular for surfing. The results showed that coastal areas with good conditions for surfing have potential economic value to any country and that Portugal is on track to position itself as a reference surfing destination in the world. The findings of this research may modify local development policies and change patterns of behavior by the private sector, in order to understand and serve this sector with rigor and quality.

Keywords: surf, surf tourism, local economy, economic impact, portuguese waves, atlantic coast, Portugal

Índice Geral

RESUMO.....	3
ABSTRACT	4
CAPITULO 1	13
INTRODUÇÃO.....	13
Enquadramento do estudo.....	13
Justificação e objetivos da investigação.....	14
Estrutura e organização do trabalho	16
METODOLOGIA	17
Método de recolha de dados.....	21
CAPITULO 2	22
REVISÃO DA LITERATURA.....	22
2.1. Portugal e o Mar	22
2.2. A Economia do Mar.....	25
2.3. O Turismo Marítimo e a Europa	28
2.4. O Turismo de surf.....	29
CAPITULO 3	35
AS ORIGENS DO SURF.....	35
3.1. As primeiras experiências de contacto com as ondas... ..	35
3.2. O aparecimento em Portugal.....	38
3.3. As diferentes formas de praticar surf	40
3.4 Equipamentos.....	46

3.5. Tipos de ondas	47
3.6. Condições para a prática da modalidade.....	49
4. ANÁLISE SWOT DAS ZONAS COSTEIRAS.....	50
4.1. Cascais	51
4.2. Ericeira.....	53
4.3. Peniche	56
4.4. Nazaré.....	59
5. ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS RESULTADOS.....	62
5.1. Estudos prévios:	62
5.2 Indicadores do turismo	63
5.3. Questionário.....	67
5.3.3 Zona Geográfica de Residência.....	69
5.3.4. Número de surftrips que realizadas por ano	70
5.3.5. Despesa quando realiza uma surftrip.....	71
5.3.6. Gastos com material por ano	72
5.3.7 Conhecimento de que há boas ondas para surf em Portugal.....	73
5.3.8. Visitas anteriores a Portugal /Intenção de visitar ou visitar	74
5.3.9. Imagem do País enquanto destino de surf	76
6. DISCUSSÃO, CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES	77
6.1. Principais Conclusões	77
6.2. Limitações da investigação	80
6.3. Perspetivas de investigação futura	80
7. REFERÊNCIAS	82
8. APÊNDICES.....	85

Índice de Figuras

Figura 1- As três dimensões de Análise.....	18
Figura 2 - Dimensão do território marítimo Português.....	23
Figura 3 – Plataforma continental de Portugal	24
Figura 4- Nº médio de indivíduos por Km ² e por região em Portugal, em 2011	25
Figura 5 - Ilustração de indígenas locais no Havai nas suas primeiras tentativas de surfar ondas.....	36
Figura 6 - Duke Kahanamoku em 1912.....	37
Figura 7 – Praticante de Body surf	41
Figura 8 – Bodyboard na Nazaré	41
Figura 9 - Kneeboard	42
Figura 10 - Kayaksurf.....	42
Figura 11 - Praticantes de Windsurf na praia do Guincho.....	43
Figura 12 - Longboard na Indonésia.....	43
Figura 13 - Paddlesurf na Austrália	44
Figura 14 - Mick Fanning em Peniche durante o Campeonato do mundo usando uma Shortboard.....	45
Figura 15 – Kelly Slater a surfar uma onda na nazaré depois de ter sido rebocado pela mota de água (Tow-in).....	46
Figura 16 – Loja de material técnico em Peniche.....	47
Figura 17- Principais zonas do litoral Português	50
Figura 18 - Placard publicitário da região.	52
Figura 19 - Monumento em tributo aos surfistas na Ericeira	53

Figura 20 - Painel publicitário em Peniche com uma foto da assistência na praia ao campeonato mundial57

Figura 21 – Dia de ondas para *Tow-in* na Praia do Norte na Nazaré.59

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Análise SWOT de Cascais como destino de Surf.....	52
Tabela 2 - Análise SWOT da Ericeira como destino de Surf.	55
Tabela 3 - Análise SWOT de Peniche como destino de Surf.	58
Tabela 4 - Análise SWOT da Nazaré como destino de Surf.	61
Tabela 5 – Valor estimado do impacto económico de vários surfspots ao redor do mundo.	62
Tabela 6 – Retorno da Etapa Mundial da WSL em Peniche ao longo dos anos.....	63
Tabela 7 - Número total de dormidas nas unidades hoteleiras entre 2009 e 2013	63
Tabela 8 – Total de proveitos dos estabelecimentos hoteleiros ao longo dos últimos 6 anos	64
Tabela 9 – Evolução do número de negócios relacionados com o Turismo nos últimos 5 anos.....	64
Tabela 10 – Avaliação das características das principais zonas costeiras com potencial para surf em Portugal.....	64

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Composição do VAB nas atividades relacionadas com o Mar.	27
Gráfico 2 - Estrutura do emprego das atividades relacionadas com o Mar.....	27
Gráfico 3 - Distribuição da amostra por género	67
Gráfico 4 - Distribuição da amostra por faixa etária.....	68
Gráfico 5 - Residência em termos geográficos da amostra.	69
Gráfico 6 - Número de surftrips realizadas por ano.	70
Gráfico 7 - Gastos totais quando realiza uma surftrip em dólares Americanos.	71
Gráfico 8 - Gastos em material por ano em dólares Americanos.....	72
Gráfico 9 – Tem conhecimento sobre as boas condições que Portugal apresenta para a prática de surf?	73
Gráfico 10 - Já visitou Portugal para praticar surf?	74
Gráfico 11 - Intenção de visitar ou visitar Portugal para praticar surf.	75
Gráfico 12 - Opinião acerca de Portugal enquanto destino para praticar surf	76

LISTA DE TERMOS TÉCNICOS:

Beach Break - Tipo de onda que rebenta sobre um fundo de areia

Bodysurf - Deslizar nas ondas sem prancha

CARS - Centro de alto rendimento de surf

Crowd - Termo utilizado para medir o número de surfistas dentro de água

Dropknee - Deslizar nas ondas com um dos joelhos apoiado em cima de uma prancha de bodyboard

Footstraps - Fixações utilizadas para prender a prancha aos pés do surfista na prática de Tow-in

Glass - Ausência de vento no mar

Hostels - Novo conceito de acomodação recente dentro do alojamento local

Kayaksurf - Surf far em cima de um kayak

Kneeboard - Praticar surf de joelhos em cima de uma prancha de surf

Leash - Corda ou material semelhante que une a perna do surfista a prancha

Longboard – Tipo de surf que utiliza uma prancha mais comprida

Offshore - Vento a soprar de terra para o mar

Onshore - Vento a soprar na direção do mar para terra

Paddlesurf - Surf com prancha e um remo

Point Break – Tipo de onda que rebenta numa bancada de pedras de forma longa e consistente

Reef Break - Tipo de onda que rebenta sobre um fundo rochoso

Shore Break – Tipo de onda que quebre num fundo de areia, perto da costa e de maneira violenta

Shortboard – Prancha mais pequena/ ato de praticar surf com uma prancha mais pequena.

Spot ou Surfspot - Termo utilizado para designar um local onde se encontra uma onda de surf

Standup – O ato de surfar de pé em cima de uma prancha de surf

Surfcamps - Modelo de alojamento com aulas de surf incluídas

Surfschools - Escolas onde se aprende a praticar surf

Surftrips - Viagens com o objetivo principal de realizar surf

Swell - Massas de água que formam ondulação e originam as ondas

Tow-in - Surfar as ondas com o auxílio de uma mota de água

Windsurf – Surfar as ondas com uma prancha e uma vela

WQS – Campeonato mundial de qualificação (World qualifying series)

WSL - Campeonato mundial de surf (World Surfing League)

CAPITULO 1

INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretendemos clarificar e definir a pergunta de partida do nosso trabalho, apresentando primeiramente um enquadramento da investigação. É nosso objetivo apresentar de uma forma pertinente o problema em estudo, os seus objetivos de investigação, assim como a formulação das hipóteses de pesquisa. Por fim, descreveremos a estrutura do nosso trabalho.

Enquadramento do estudo

O surf (do termo inglês *surf*), é uma prática desportiva efetuada na superfície da água, que consiste na habilidade de movimentos executados pelo praticante surfista para se manter em pé numa prancha de surf, ao mesmo tempo que desliza sobre as ondas do mar. O surfista (ou o praticante de surf) aproveita a quebra das ondas quando se aproximam de uma praia ou costa, utilizando diversas técnicas de surf distintas e diferentes equipamentos. Falar do surf é falar de um desporto que tem uma dimensão própria, no que diz respeito à dimensão social, cultural e filosófica dos praticantes. Além disso, a prática de surf exige a coexistência de um ambiente específico de condições geográficas e meteorológicas.

Portugal é considerado como o país europeu que melhores condições reúne para a prática de surf. O recorte da orla costeira Portuguesa associado às regulares ondulações atlânticas consistentes garante a Portugal uma qualidade única, que em nada fica atrás das melhores zonas do mundo para a prática de surf. Estas características costeiras são únicas e dificilmente replicáveis pelo que, este fator confere a Portugal uma oportunidade singular para explorar um mercado cada vez mais em expansão e que movimenta recursos financeiros consideráveis.

No estudo da Direção Geral de Política de Mar, “Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020” a náutica de recreio faz parte dos sectores que no curto prazo têm um significativo potencial de crescimento em Portugal. Numa análise cuidada aos sectores da economia marítima portuguesa o referido documento refere que o turismo associado a atividades náuticas possa ter um incremento muito forte nos próximos anos, para o que terão que ser criadas, num quadro ordenado, as necessárias infraestruturas de apoio. Estas poderão ser catalisadores do incremento de atividades desportivas, que por si só contribuam para dinamizar o sector e, paralelamente, reforçar uma política de comunicação e educação que consolide a imagem de Portugal como um país de forte identidade marítima.

Justificação e objetivos da investigação

As características da costa Portuguesa contribuem e podem dinamizar de forma crescente o sector do turismo em Portugal. Além do turismo de lazer, como sejam a procura por férias de praia, o turismo ativo representa uma razão adicional para intensificar a procura por destinos como Portugal.

O sector do turismo tem assistido a um conjunto de alterações que têm afetado o seu desenvolvimento e originando mudanças e inovações constantes na tentativa de adequar a oferta a uma procura cada vez mais exigente e esclarecida, dando origem ao que Poon (1993) designa de “novo turismo”.

Nasce assim este novo conceito, o turismo de surf, que devido a alterações nos hábitos, gostos e estilos de vida dos turistas, tem crescido significativamente, nascendo assim a necessidade de realizar este estudo.

Dentro do universo de turistas que realizam férias tendo como principal motivação a participação ativa num desporto, a escolha da prática do surf como turismo ativo na praia é consensual. Uma sondagem recente revela que “90% dos Europeus escolheu o surf como o desporto que mais gostariam de experimentar” (Silva, 2010).

O estudo "Hypercluster da Economia do Mar" (SaeR, 2009) sublinha que o potencial marítimo nacional poderá valer 12% do PIB, ou seja, cerca de vinte mil milhões de euros, em 2025. No documento de aproximadamente 500 páginas, e da análise realizada a várias atividades ligadas ao mar, o surf caracteriza-se como aquela que apresenta um maior nível de progressão.

Desde modo devido a notoriedade e crescimento que esta modalidade tem vindo a apresentar um pouco por todo o mundo, o surf poderá estar a funcionar como uma alavanca na promoção das zonas costeiras Portuguesas como destino de excelência para a prática de desportos de ondas, estando assim a desenvolver o turismo e a estimular a economia local.

Partindo-se de uma análise cuidada de estudos anteriores e indicadores anuais sobre a atividade económica nas zonas costeiras com potencial para surf pretende-se aferir qual o impacto que modalidade tem na criação de valor e desenvolvimento económico das zonas costeiras.

Os resultados da presente investigação poderão modificar políticas locais de desenvolvimento e alterar padrões de comportamento por parte da iniciativa privada, no sentido de entender e atender a este sector com qualidade. Esta investigação procurou identificar todas as atividades económicas relacionadas com a prática de surf em Portugal e assim evidenciar o valor que as ondas e a prática do surf trazem para a economia Portuguesa.

Estrutura e organização do trabalho

Este estudo foi organizado em seis partes principais. Numa primeira fase foi realizada uma introdução ao trabalho e explicada a metodologia a utilizar para esta investigação. Posteriormente no segundo capítulo foi elaborado uma síntese da revisão bibliográfica com os assuntos mais pertinentes para a compreensão de alguns conceitos importantes para este trabalho. São abordadas as características de Portugal, a sua relação com o mar e ainda enquadramos o turismo de surf tentando evidenciar as suas características e possibilidades de crescimento. Em seguida no terceiro capítulo é feito um enquadramento histórico da prática de surf, desde as origens da modalidade até ao início da prática em Portugal. Identificamos as várias formas de praticar surf, os equipamentos necessários e ainda descrevemos as principais condições e tipos de ondas para praticar a modalidade. No quarto capítulo procedemos a uma análise das zonas costeiras Portuguesas com maior potencialidade para a modalidade, identificando os principais fatores chave que contribuem potencialmente para a geração de receitas económicas. No quinto capítulo são apresentados e discutidos os resultados da investigação. Por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as conclusões deste estudo assim como as recomendações para investigações futuras.

METODOLOGIA

A metodologia, sendo uma prática fundamental da investigação para a produção de conhecimento deve estar definida de acordo com o modelo conceptual adotado.

Fonseca (2002) definiu metodologia como o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Foi verificado que o surf, devido ao facto de ser um fenómeno recente, no que diz respeito ao crescente número de praticantes e de notoriedade social, é uma área ainda pouco estudada e, segundo o estudo de Ramos (2014), a frequente ausência de informação faz com que, por diversas vezes, a população surfista não seja distinguida dos restantes frequentadores da costa. No entanto, o seu estudo justifica-se por surgirem necessidades, interesses, padrões de visita com características próprias, bem como pela crescente importância que as modalidades de desportos de ondas e o turismo a elas associado assumem nas economias costeiras.

Para prosseguir a investigação foi adotada uma metodologia de observação rigorosa da realidade empírica, baseada na doutrina interdisciplinar no estado de arte, que consistiu no relacionamento das variáveis em estudo, nomeadamente, as características da costa atlântica portuguesa e a motivação e interesse por parte de surfistas estrangeiros em praticar a modalidade em Portugal. Assim, o estudo procurou também identificar algumas características fundamentais dos surfistas para melhor conhecer o turista de surf, qual o posicionamento de Portugal enquanto destino de surf e ainda, qual a intenção de visitar o país por parte dos surfistas internacionais. Através da realização de um inquérito à população objetivo – praticantes da modalidade desportiva – foi possível extrair algumas conclusões relativamente à relevância económica das ondas em Portugal, em particular para a prática de surf.

O desenvolvimento deste trabalho seguiu uma organização temporal de acordo com um cronograma (ver Apêndice A).

O presente estudo baseou-se na capacidade de analisar três dimensões em forma de triângulo (ver Fig. 1) que quando relacionadas nos podem levar a aferir sobre o potencial impacto do surf em Portugal.

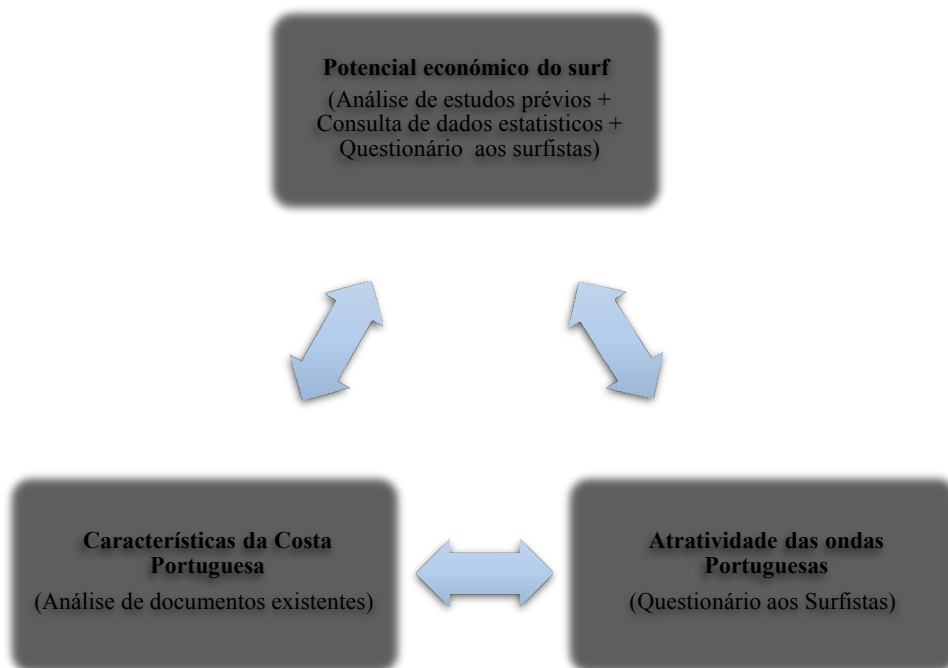


Figura 1- As três dimensões de Análise.

Seguindo uma análise exploratória, e sentido de maximizar a obtenção de informação para o nosso estudo foi elaborada uma análise SWOT das principais zonas costeiras Portuguesas com potencial para o surf com vista a compreender as suas forças, fraquezas, ameaças e oportunidades.

Em Portugal, até a data, não existem estudos concretos sobre o impacto económico do surf em determinada região, à exceção do estudo publicado pela Câmara Municipal de Peniche, o qual analisa o impacto socioeconómico do campeonato mundial de surf ao longo dos últimos anos, pelo que nesta investigação foram consultados alguns dos estudos internacionais como os de Driscoll e Durham (2010), Hodges et al. (2014),

Lovett et al. (2014), Murphy (2009) e outros estudos levados a cabo pela *Save the Waves Coalition* tendo sido feita uma análise dos resultados dos mesmos, inter-relacionando as informações obtidas.

Os dados foram comparados utilizando o método indutivo que segundo Freixo (2009) é o método que defende que “na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria [...] o raciocínio indutivo faz-se do particular para o geral.”

Foram também consultados e analisados alguns indicadores sobre a atividade económica em determinadas regiões que se apresentam como as mais propícias para a prática do surf. Foi ainda elaborado um questionário (ver Apêndice B) para a obtenção de dados primários.

De acordo com Schlüter (2003), o questionário tem uma série de vantagens, entre as quais ser económico, permitir o anonimato, poder ser aplicado a um grande número de pessoas simultaneamente e permitir a padronização das perguntas. Infelizmente, apresenta também algumas desvantagens, como por exemplo, um baixo índice de resposta e dificuldade para realizar a verificação e controlo das respostas. Ainda assim, apresenta-se como uma metodologia muito útil para aferir do interesse e valorização das ondas portuguesas para a prática deste desporto, bem como da apetência para visitar o país, num contexto não exclusivamente desportivo.

Este questionário foi destinado exclusivamente a surfistas residentes no estrangeiro, foi elaborado em língua inglesa devido a ser a língua mais universal do mundo e tem como finalidade conhecer as características próprias do surfista estrangeiro, quanto gasta em material e nas suas viagens, qual a percepção de Portugal como destino de surf e ainda qual a sua vontade e motivação de visitar o país para praticar surf.

Neste questionário pretendem-se conhecer diversos aspetos sobre o turista de surf entre os quais:

- Género
- Idade
- Zona geográfica de residência
- Frequência com que realiza surftrips realiza por ano
- Despesas quando realiza uma surftrip
- Despesas com material de surf
- Percepção das condições para surf em Portugal
- Visita anterior a Portugal
- Motivação para visitar Portugal para praticar surf
- Opinião do país enquanto destino de surf

Foi utilizada uma escala de Likert no questionário que segundo Lima (2000), deve ser elaborada a partir de uma lista de frases que manifestem opiniões radicais (claramente positivas ou negativas) em relação à atitude que se está a estudar tendo o cuidado de cobrir as diferentes vertentes que se relacionam com o assunto.

Esta escala apresenta a vantagem de ser de fácil construção e dar uma possibilidade ao entrevistado de poder dar uma opinião rápida em perguntas complexas. Além disso é uma escala que funciona com eficiência em questionários online.

Método de recolha de dados

Os dados para análise foram recolhidos através do contacto com algumas entidades que têm desenvolvido trabalhos na área do valor das ondas e ainda através de pesquisa em organizações credíveis e de rigor científico como o Instituto Nacional de Estatística (INE) e a Fundação Francisco Manuel dos Santos.

O desenvolvimento das bases deste estudo incluíram, igualmente, uma análise rigorosa da Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020 da Direção-Geral de Política para o Mar.

Quanto ao questionário que se destinava a ser aplicado exclusivamente a surfistas estrangeiros, este foi aplicado presencialmente pelo investigador aos turistas de surf na ilha de Bali, nomeadamente nas zonas de Uluwatu e de Padang Padang, duas das zonas mais emblemáticas do turismo de surf a nível mundial. Assim, os turistas foram abordados pelo investigador, o qual confirmou previamente os requisitos destes para poderem responder ao questionário (idade igual ou superior a 18 anos, permanência durante mais de 24 horas em Bali, viagem a Bali para praticar ou experienciar surf). A aplicação do questionário foi efetuada durante duas semanas no mês de Agosto, considerado o melhor mês para a prática do surf naquela região e que atrai um grande número de turistas de todo o mundo. Foram respondidos 144 questionários.

CAPITULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Portugal e o Mar

O território terrestre de Portugal, segundo o estudo “Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020” da Direção Nacional de Política de Mar, cobre uma área de cerca de 90.000 km² na sua parte continental e de cerca de 3.000.000 km² quando incluimos o seu espaço insular no atlântico, os arquipélagos da Madeira e dos Açores (ver Fig. 2).

Ao termos em conta apenas a dimensão do território terrestre, Portugal apresenta-se como um país pequeno, de escassos recursos e deslocado do centro da Europa. Porém quando olhamos para o tamanho marítimo, Portugal é um país de grande dimensão afirmando-se um dos maiores países do mundo, com um potencial geoestratégico, geopolítico e económico considerável.

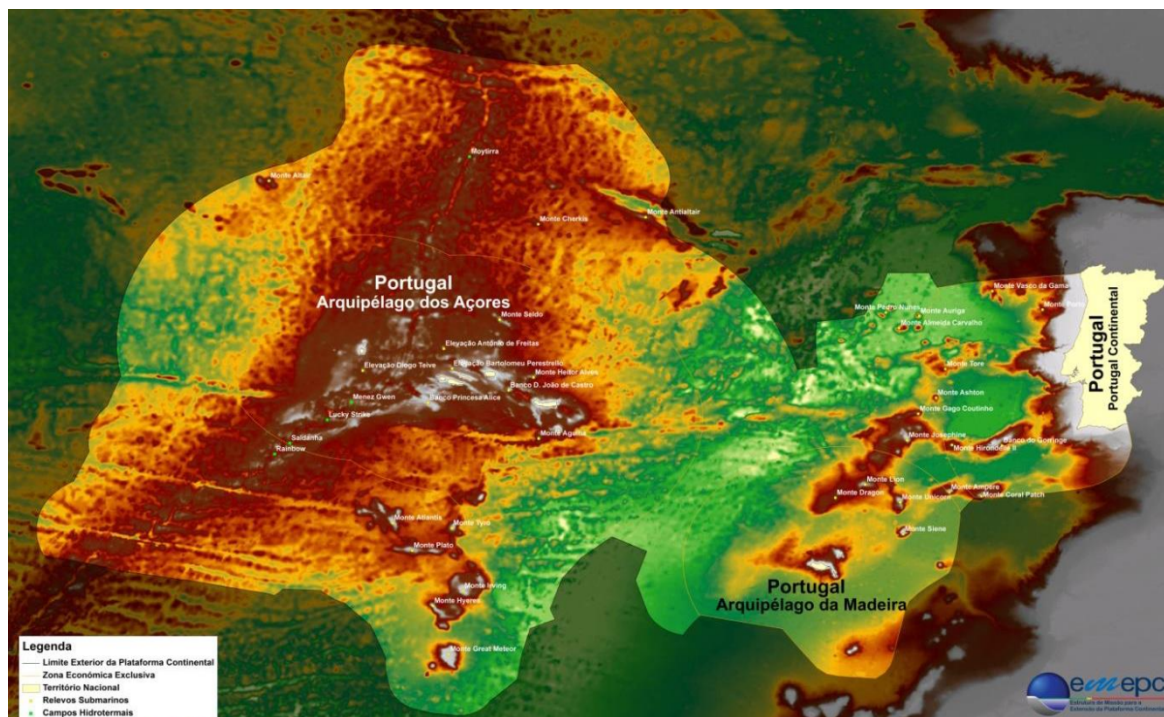


Figura 2 - Dimensão do território marítimo Português.

Fonte: Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020

No mapa “Portugal É Mar” apresentado pela Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental (EMEPC), em maio de 2009, à Comissão de Limites da Plataforma Continental é possível visualizar (Fig. 3) uma realidade territorial portuguesa que contabiliza não apenas a sua área terrestre como também o seu território marítimo. Nesta proposta especificam-se ainda 92.000 Km² de território emerso, sendo que a plataforma continental chega a uma área com mais de 3.800.000 Km², considerando o território português em ambas as dimensões, i.e., marítima e terrestre. Sendo assim, podemos dizer que “97% de Portugal é Mar!” (EMEPC, 2009).

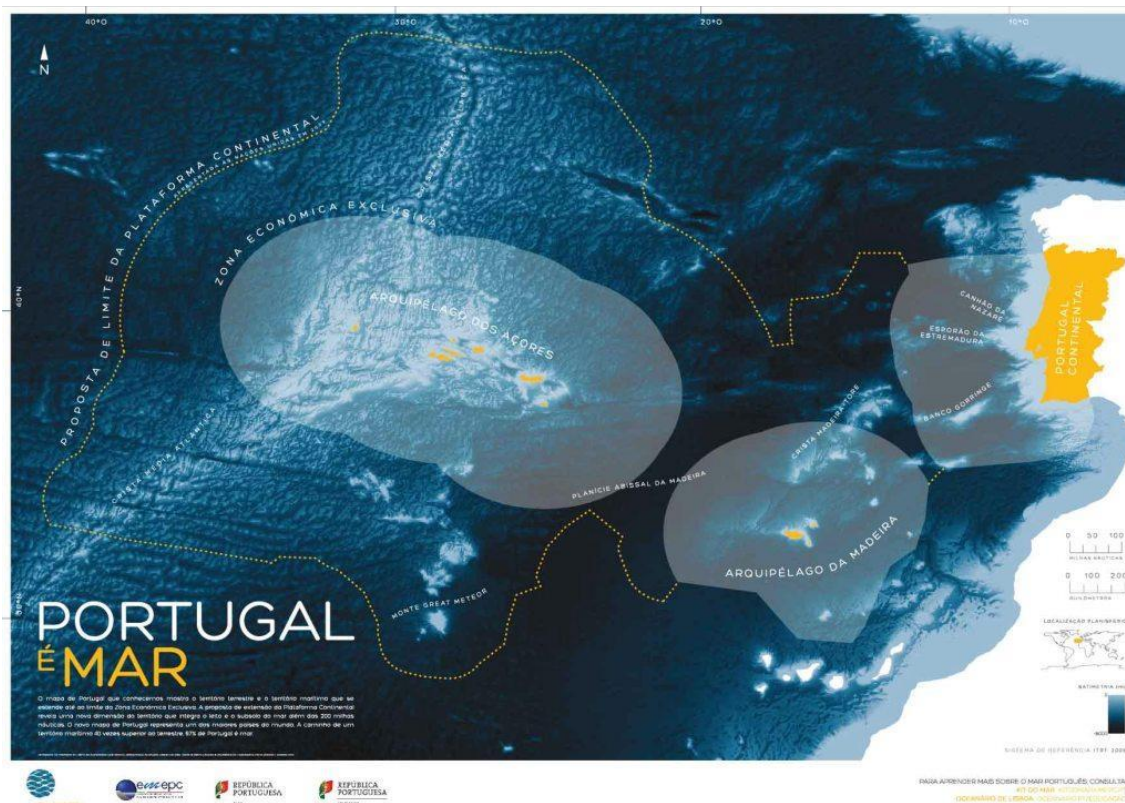


Figura 3 – Plataforma continental de Portugal
 Fonte: Mapa “Portugal é Mar”, EMEPC (2009)

Esta imensa dimensão marítima oferece a Portugal oportunidades únicas a vários níveis mas também grandes desafios como o cumprimento das respetivas obrigações internacionais, a vigilância e controlo das atividades que no mar têm lugar e ainda uma monitorização do seu ambiente e ecossistemas seguindo uma orientação de governação Internacional dos oceanos.

Adicionalmente, o país regista uma densidade populacional, predominantemente junto ao litoral, sendo que aproximadamente metade da população reside no litoral (Fig. 4). A importância do mar é histórica para a concentração populacional nesta faixa de terra que se situa junto à costa marítima. As razões são, aliás, generalizadas, tendo como fatores principais as disponibilidades hídricas, a facilidade de transportes terrestres e marítimos e, com isto, a formação de maiores centros económicos. Não é, portanto, de estranhar que os centros de decisão do país estejam voltados para o mar. Lisboa caracteriza-se por ser a única capital atlântica dentro do espaço europeu, e os Açores e a Madeira os

territórios que estendem a União Europeia para o interior do espaço Atlântico. Portugal tem de fato uma geografia e uma dimensão marítima que, só por si, tornam o país num território de referência quando olhamos para o Atlântico Norte.

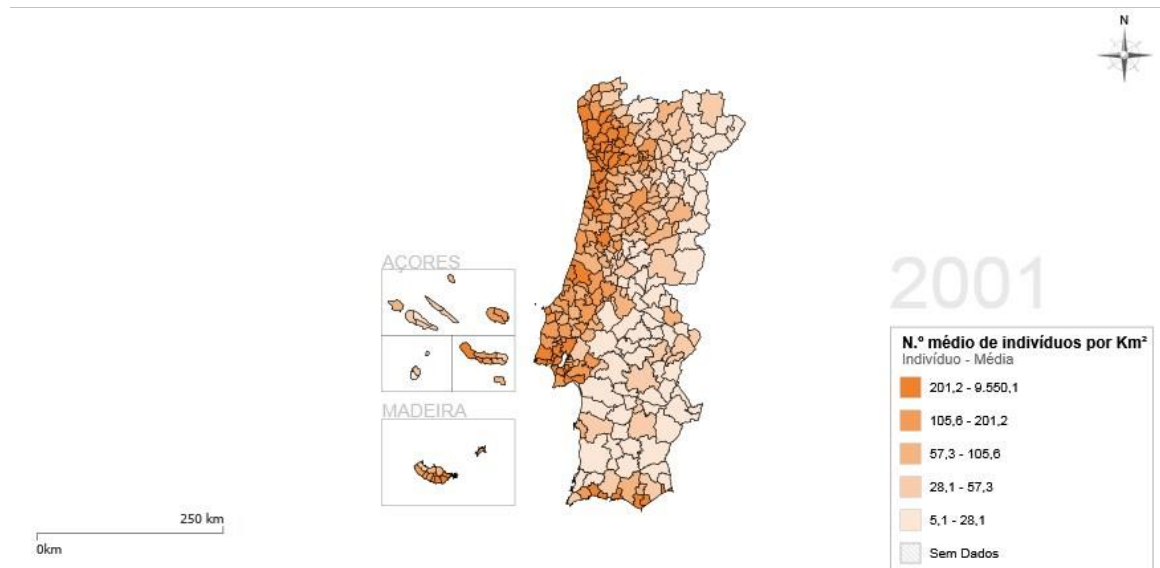


Figura 4- N.º médio de indivíduos por Km² e por região em Portugal, em 2011
Fonte: INE, PORDATA

Aliado a estas circunstâncias não se pode esquecer que, desde o início, o mar tem tido um papel fundamental na História de Portugal, que através dos descobrimentos abriu e marcou de forma decisiva o início do processo de globalização.

Este facto deu uma identidade marítima fortemente ligada ao mar a um povo que nos tempos modernos parece ambicionar novamente aproveitar e explorar todas as oportunidades que o mar tem para oferecer, assumindo-se como um país marítimo de excelência que vive com o mar e que leva o mar à Europa.

2.2. A Economia do Mar

Portugal tem a vantagem de ser um país com uma costa continental extensa. Segundo Alves (2015), Portugal tem cerca de 942 km de costa e a Zona Económica Exclusiva (ZEE) tem cerca de 1.727.408 km² (Portugal Continental 327.667 km², Açores 953.633

km² e Madeira 446.108 km²). Assim, a ZEE de Portugal é a terceira maior da União Europeia, representando 11% da ZEE da UE e sendo a décima primeira maior do mundo.

Assim sendo, a atividade económica relacionada com o mar assume-se com um dos sectores estratégicos mais importantes para o país, tendo de ser encarada pelas autoridades governantes como um enorme desafio e exigindo-se uma planificação adequada e absolutamente essencial para a sustentabilidade futura do país.

De facto, este grande “sector do mar” tem um grande potencial económico e abrange desde os transportes marítimos, construção naval, pesca, transformação de pescado, turismo e mesmo energias. Veja-se, por exemplo, a utilização da energia das ondas e marés para a produção de eletricidade de forma sustentável. A utilização das ondas para a produção de energia já vem sendo estudada desde há mais de dois séculos, países como a Grã Bretanha, Portugal, Brasil e Países escandinavos têm avançado e com sucesso, como podemos verificar além de projetos de investigação e protótipos que estão em curso, e que são apresentados no Portal da Energia (<http://www.portal-energia.com/ondas-e-mares/> consultado em 30/09/2016), encontra-se já em operação a central com 400 kw na Ilha do Pico, nos Açores, sendo esta a primeira central no mundo a produzir eletricidade a partir da energia de ondas, de uma forma regular.

Segundo dados da Associação Fórum Empresarial da Economia do Mar (AFEM), o valor económico das atividades ligadas ao mar consideradas na economia portuguesa foi no ano de 2015 cerca de 2% do PIB nacional e empregava diretamente cerca de 75 mil pessoas (Gráfico 1). Considerando uma visão mais ampla, entre efeitos diretos e indiretos, o valor total aproxima-se de cerca de 36% do Valor Acrescentado Bruto (VAB) e 19% do emprego; a pesca, aquicultura e indústria de pescado representam 21% do VAB e 28% do emprego; construção e reparação naval, para além das obras de defesa costeira, têm uma representação bastante modesta (Gráfico 2).

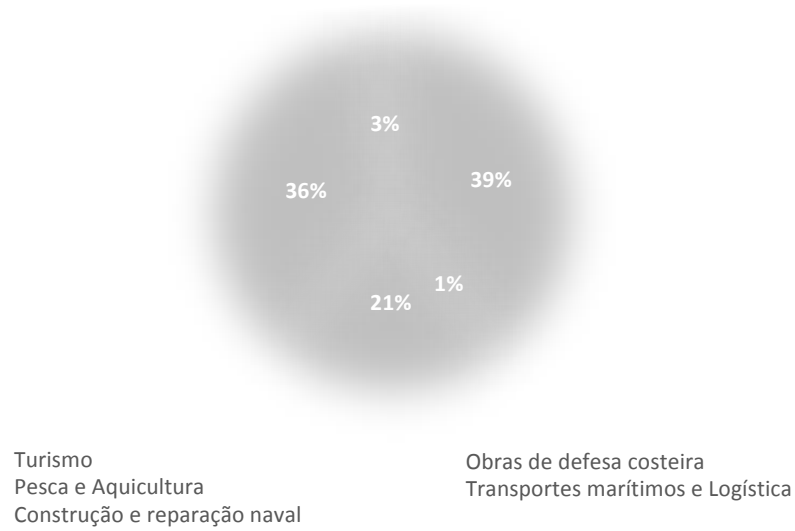


Gráfico 1 – Composição do VAB nas atividades relacionadas com o Mar.
(Elaboração com base na Estratégia Nacional para o Mar)

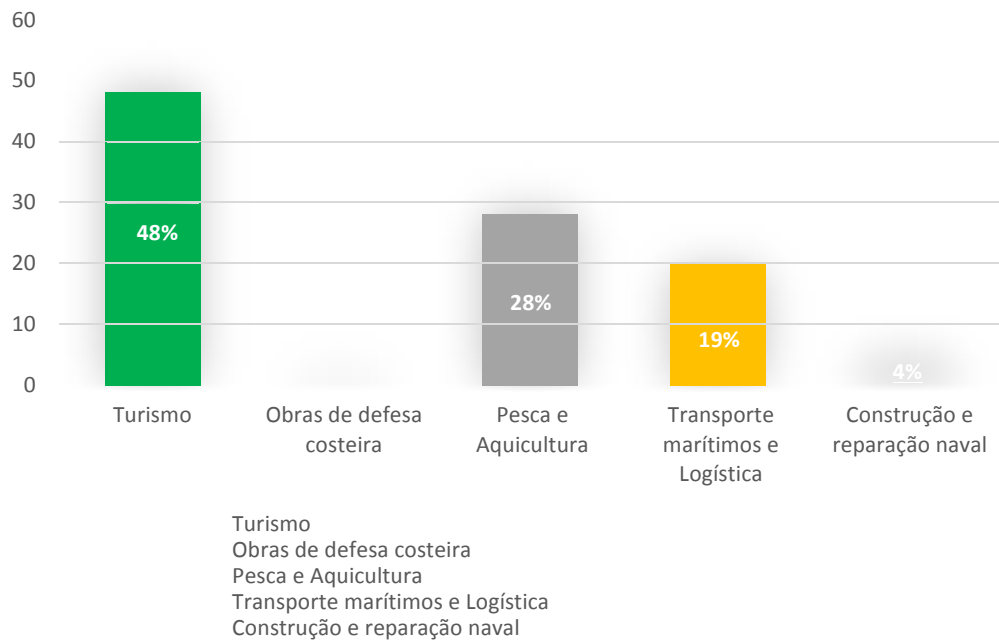


Gráfico 2 - Estrutura do emprego das atividades relacionadas com o Mar.
(Elaboração com base na Estratégia Nacional para o Mar)

Segundo o estudo "Hypercluster da Economia do Mar" (SaeR, 2009), o potencial marítimo nacional poderá valer em 2025 cerca de 12% do PIB, vinte mil milhões de euros. Na análise realizada a várias atividades ligadas ao mar, este estudo refere-se ao surf como aquela atividade que apresenta um maior nível de progressão no futuro.

De salientar que, a nível mundial, o sector do turismo marítimo ao contrário de muitos outros, como por exemplo a pesca ou a construção naval, é aquele que ano após ano apresenta um crescimento significativo. Os sectores que têm um contributo mais relevante para a economia do mar portuguesa, em termos de valor acrescentado e contributo para o emprego da população ativa, são o Turismo Costeiro e as Pescas (SaeR, 2009). Em Portugal, tal fato tem sido verificado com a aposta na abertura em novas unidades hoteleiras um pouco por todo país junto as zonas costeiras.

2.3. O Turismo Marítimo e a Europa

O turismo marítimo engloba-se no sector do turismo que é a maior indústria mundial, responsável por 9% do Produto Interno Bruto considerando efeitos diretos, indiretos e induzidos e por 1 em cada 11 empregos, (UNWTO, 2013). Segundo o referido documento em 2012, foram atingidos máximos históricos mundiais de 837 mil milhões de euros em volume de negócios, com o mercado europeu a ser o mais visitado em todo o Mundo e a ter um peso de 42,6% e a região onde se insere Portugal de 15,9%.

Na União Europeia, o Turismo Marítimo assume-se como um sector vital para inúmeras economias locais (CE, 2012). Em 2011, o seu volume de negócios na UE-27 ascendeu a 183,1 mil milhões de euros, um terço do total da economia marítima da UE-27 e representou 3,18 milhões de postos de trabalho, evidenciando o valor que este sector apresenta, com níveis de crescimento relevantes, acima das projeções (Ecorys, 2013).

O turismo costeiro na Europa tem apresentado níveis interessantes de desenvolvimento. Graças à sua extraordinária beleza, riqueza cultural e diversidade, as regiões costeiras da Europa são o destino preferido de muitos turistas europeus e do resto mundo. Segundo a Comissão Europeia o turismo costeiro e marítimo é um sector turístico importante, que

emprega mais de 3,2 milhões de pessoas e gera um total de 183 mil milhões de euros em valores acrescentado bruto, representando mais de um terço da economia marítima. Cerca de 51 % da capacidade hoteleira da Europa concentra-se nas regiões costeiras (CE, 2012).

No âmbito da estratégia da UE destinada a promover o «crescimento azul», o sector do turismo costeiro e marítimo foi considerado uma área com especial potencial para promover uma Europa inteligente, sustentável e inclusiva. Trata-se do principal sector marítimo em termos de emprego e de valor e segundo o estudo sobre o “Crescimento Azul” (Ecorys, 2013), este sector deverá apresentar um crescimento de 2 a 3 por cento até 2020. Em 2012, só no sector dos cruzeiros turísticos, o número de postos de trabalho atingiu os 330 000 e o volume de negócios direto cifrou-se em 15 500 milhões de euros. Prevê-se que este sector cresça ainda mais.

2.4. O Turismo de surf

O turismo é atualmente uma das atividades que mais contribui para a sobrevivência de numerosos territórios. A atividade turística tira partido económico dos recursos existentes e constitui um importante fator para o desenvolvimento económico. O turismo desportivo e náutico responde a várias motivações, apresentando-se assim como uma forma de aliar o lazer à prática desportiva/náutica. O surf, enquanto atividade desportiva é simultaneamente uma atividade turística/económica. Para os operadores turísticos é considerado uma atividade turística/económica, mas para os surfistas o surf é um desporto competitivo, uma atividade de lazer, um estilo de vida e/ou uma obsessão. Esta percepção é significativa para o turismo de surf, porque os turistas de surf são surfistas e depois turistas (Buckley, 2002), para além de que este ponto de vista e o ato de viajar são dois comportamentos/motivações que se cruzam, uma vez que os surfistas se aventuram em experiências de viagem com o objetivo de surfar as ondas perfeitas.

Turismo de surf segundo Fluker (2003) é definido ainda como aquele que envolve pessoas que viajam para locais domésticos por um período de tempo não excedendo doze meses, que ficam hospedados pelo menos uma noite, e em que a principal motivação para a escolha do destino é a prática do surf. O mesmo autor refere ainda que o “turismo de surf não inclui necessariamente apenas surfistas (praticantes), mas também espectadores e companheiros (as) não-surfistas.”

O surf tem crescido como desporto e já conta com um elevado número de praticantes, que se dedica a viajar, permitindo a prática destas modalidades em destinos regionais, nacionais e internacionais. Em todo o mundo, existem 23 milhões de surfistas (EuroSIMA, 2006), havendo 500.000 a 600.000 surfistas no Reino Unido e 200.000 surfistas em França segundo Bicudo e Horta (2009). Estes números fornecem uma visão da dimensão que o Turismo de surf apresenta.

Segundo o estudo de Dolnicar e Fluker (2003), os turistas de surf procuram não só boas ondas mas também fatores como ausência de crowd, segurança pessoal, qualidade do ambiente, as preocupações de saúde, a elevada qualidade das refeições, o período da temporada local. Assim como ainda a cultura local, as comparações de preços, as localizações secretas/novas são fatores que pesam na escolha do local.

Portugal apresenta-se assim com um grande potencial para ser um líder mundial no turismo de surf e embora a economia do surf tenha vindo a crescer nos últimos anos no país, o seu potencial ainda não é totalmente explorado em Portugal (Bicudo e Horta, 2009), uma vez que se pode praticar desportos de ondas durante todo o ano (Saer, 2009; Bicudo e Horta, 2009). Uma extensão costeira com cerca de 10 quilómetros e ondas de elevada qualidade pode representar receitas anuais na ordem dos 100 milhões de euros para a região, partindo do pressuposto de que cada turista fica uma semana numa determinada zona e gasta mil euros (Bicudo e Horta, 2009).

Segundo os autores acima referidos “o surf tem potencial para trazer três milhões de novos turistas para Portugal, por ano”.

Para uma melhor compreensão do impacto que o surf tem vindo a ter no turismo em Portugal, apresenta-se em seguida uma abordagem às atividades económicas onde o surf tem tido uma maior expressão e influência.

1. Alojamentos

A nível de alojamentos verificou-se nos últimos anos um grande aumento no número e na qualidade dos alojamentos perto de zonas propícias para surf, especialmente na zona da Ericeira e em Peniche onde os investimentos tem sido maiores.

Além do aumento das tradicionais unidades hoteleiras, assistiu-se ao aparecimento de um novo conceito de alojamento diretamente relacionado com o surf, os surfcamps onde o conceito é simples, o turista compra um pacote de normalmente uma a duas semanas em que estão incluídos a viagem do aeroporto até ao destino, o alojamento, a alimentação e atividades de surf tais como aulas, visita aos melhores spots, fábricas de material e por vezes visitas a locais históricos e de atração turística.

Além do surf camps surgiram também inúmeras unidades de alojamento local na sua maioria denominadas como hostels um pouco por todas as cidades costeiras e que tem maioritariamente clientes que procuram incluir o surf nas suas atividades.

2. Surfschools

O aparecimento das escolas de surf contribui significativamente para a proliferação desta modalidade, pois permite processos de aprendizagem mais fáceis e rápidos Flucker (2003).

Estas escolas oferecem em primeiro lugar uma experiência e um primeiro contato com a modalidade de forma segura e sem que seja preciso realizar um investimento inicial em material. Em segundo lugar quando o cliente se interessa pela modalidade tem ao seu dispor a possibilidade de adquirir pacotes de aulas técnicas para que através da ajuda de um professor credenciado para o efeito lhe seja possível aprender a modalidade de uma forma mais técnica, rápida e em segurança. De forma geral uma aula custa entre 20 a 30 euros e tem a duração de 1,5 horas a 2 horas de tempo. Nos últimos 5 anos assistiu-se a

formação de escolas de surf de uma maneira exponencial, segundo dados da federação portuguesa de surf foram registadas este ano 186 escolas de surf em todo o país.

Atendendo ao fato que são normalmente na maioria das escolas são dadas 2 aulas de grupo por dia, e que os grupos são normalmente constituídos no mínimo por 6 pessoas até 12, facilmente estamos a falar de um volume de negócios anual entre 12 a 24 milhões de euros divididos pelas 189 escolas existentes em Portugal.

Atendendo que normalmente uma escola para o seu bom funcionamento terá um mínimo de 4 funcionários (um gerente, dois professores e um contabilista) pode também perceber-se o impacto que esta nova atividade teve a nível de criação de emprego.

3. Eventos e Campeonatos de Surf

Em Portugal existem vários campeonatos e todos eles tem trazido visibilidade e retorno económico para empresas e locais. De acordo com Rebelo (2010), os eventos de surf projetam uma região para o turismo. A realização de campeonatos, principalmente de âmbito internacional arrasta muitos meios de comunicação social que promovem o destino quando fazem a cobertura do evento.

Deste modo, o turismo desportivo surge pela cooperação entre o desporto e o turismo, uma vez que o desporto é uma forma de desenvolver o turismo e vice-versa. Tal como Standeven e De Knop (1999) referem, turismo desportivo é a participação ativa ou passiva em atividades desportivas, associada a uma deslocação da área de residência ou de trabalho. Tanto é turista desportivo o que se desloca para assistir a um campeonato ou uma prova desportiva, como o turista que viaja para praticar um desporto, estando incluídos os participantes na organização de um evento desportivo.

Como seria de esperar o campeonato mundial da WSL é aquele que mais visibilidade e retorno traz a Portugal. Foi lançado em 2009 na cidade de Peniche e desde essa altura verificou-se a uma mudança drástica para melhor no turismo da região. Segundo um estudo sobre o Impacto do Rip Curl Pro Portugal (2012) é identificada a importância deste evento para a economia local e, também para a economia nacional. O estudo aponta como 7,9 milhões de euros de receitas em 2012 contra 7,1 milhões de euros em

2010, trazendo para Portugal um impacto fiscal de 926.529 euros. Em 2012, durante os 10 dias que o campeonato durou, a organização refere que Peniche recebeu entre 120 000 e 140 000 espectadores e que entre transporte, alojamento, alimentação, diversão, compras e outros itens o espectador português realizou uma despesa média de 23,64€ e o espectador estrangeiro uma despesa média de 157,46€. Os impactos para a região são de toda a ordem, desde logo, os económicos, através da criação privada de várias oferta de alojamento e atividades ligadas à fileira da onda que gera postos de trabalho e receitas para a economia local.

Segundo Francisco Spínola, Diretor de Marketing da Rip Curl numa entrevista para a revista SurfPortugal, retorno mediático deste evento em 2014 foi superior a 28 milhões e a taxa de ocupação hoteleira na cidade na altura do campeonato rondou os 100%, e em épocas fora do evento aumentou drasticamente. Peniche praticamente deixou de sofrer com a sazonalidade, e a sua indústria hoteleira, de restauração, bem como o emprego aumentaram substancialmente, pois foram criadas novas unidades, escolas de surf, lojas, e ao invés do que se passa em Portugal, continuam a abrir negócios na cidade.

4. Unidades de Restauração

Associadas a este desporto, há propostas de consumo complementares que aumentam a despesa *per capita* (SaeR, 2009). Os surfistas contribuem para os bares e restaurantes de praia situados em locais populares de surf, que estão abertos durante todo o ano graças à presença de surfistas e de clientes atraídos pelo surf (Bicudo e Horta, 2009).

Após as duas horas de exercício físico, surge por parte dos surfistas, naturalmente a necessidade de restaurar energias, o que por si só, é um grande estímulo para o desenvolvimento de infraestruturas.

O historial de sucesso de infraestruturas que surgiram em surfspots inicialmente “virgens”, passa por exemplos como a esplanada de Ribeira de Ilhas, os bares do Baleal ou as esplanadas da praia dos supertubos em Peniche, que surgiram como suporte aos surfistas, e evoluíram assim, até ao que são hoje em dia, pois tendo os surfistas como clientes habituais e garantidos, estão salvaguardados durante o ano inteiro. Ganham assim uma garantia para quase todo o inverno, além dos surfistas, todos os clientes que

vêm por arrasto beneficiam ainda mais o negócio. Estas infraestruturas promovem portanto o desenvolvimento económico e a quebra da sazonalidade do turismo nas zonas costeiras.

5. Centros de Treino

Ultimamente tem-se verificado o aparecimento de centros de alto rendimento em vários de pontos do país. Os Centros de Alto Rendimento de Surf (CARS) estão vocacionados para o treino e aperfeiçoamento técnico de seleções, equipas e atletas de elite e de alta competição. Os edificios podem alojar cerca de 30 pessoas em simultâneo, entre técnicos e atletas.

A titulo de exemplo temos o CARS de Peniche, que segundo a câmara municipal foi construído devido às condições naturais ímpares que o concelho oferece para a prática de desportos de deslize nas ondas assim como à estratégia de especialização e marketing territorial que o Município adotou, baseada no conceito de Peniche, capital da onda. Estes centros podem no futuro formar atletas que iram representar Portugal nos diversos campeonatos mundiais que desse modo poderão projetar ainda mais a imagem de Portugal como o melhor destino de surf na Europa.

CAPITULO 3

AS ORIGENS DO SURF

3.1. As primeiras experiências de contacto com as ondas...

Desde o primeiro contato com o mar que o homem sentiu um apelo irresistível as ondas, tendo sido provavelmente o Body Surf a primeira forma de contacto entre o homem com as ondas do mar. Existem várias pesquisas sobre a origem do Surf.

Em praticamente todas elas, há algo em comum, que é a incerteza de quando e onde é que o homem ficou pela primeira vez no topo de uma onda e andou em direção à costa.

Provavelmente este fenómeno aconteceu a mais de mil anos atrás, em uma das ilhas próximas ao Taiti quando os pescadores locais ao saírem do mar em dias de ondulação maior com os seus pequenos barcos se punham em pé.

Na altura dos descobrimentos, os navegadores Europeus faziam várias incursões ao redor no mundo relatando as suas histórias de navegação e relatando as culturas locais.

Foi numa dessas excursões que surgiram os primeiros relatos sobre o surf, no ano de 1779, quando o capitão James King teve de substituir o comandante James Cook após o seu assassinato. Uma das tarefas que lhe foi incumbida foi a de relatar ao detalhe as situações que poderiam ser curiosas e interessantes. Entre muitos desses relatórios escritos há um relatório detalhado sobre o ato de surfar entre os povos indígenas locais de Kealakekul Bay na costa de Kona da Ilha Grande (Havai): Há vários relatórios detalhados sobre a prática de surf entre os povos indígenas locais de Kealakekul Bay na costa de Kona da Ilha Grande (Havai) que passo a citar:

“A maior diversão ocorre na água, onde uma grande ondulação e ondas quebram na praia, os homens, às vezes 20 ou 30, entram na água quando não há swell e deitam-se numa estrutura plana e oval com um tamanho similar ao de um homem, eles mantêm as suas pernas juntas em cima daquela estrutura e usam os braços para, dar direção á

tábua, depois eles esperam que venha uma grande ondulação em direção à costa e de seguida, todos juntos, eles remam para a frente com os braços para manterem-se no topo e isso dá -lhes uma grande velocidade mas, a maior arte é dirigir corretamente a tábua na direção certa acima em cima da onda enquanto esta muda constantemente a sua forma. (...) a maioria deles eram apanhados pela rebentação da onda, eles tentam evitar a queda e de seguida nadam com força para um lugar distante da zona de impacto. Devido a este exercício, podemos dizer que essas pessoas são quase anfíbias, eles podem nadar até ao nosso navio, passam metade do dia na água. Esta atividade era apenas entendida como uma diversão, não uma competição de habilidades e quando uma ondulação mais suave vem, parece-me muito agradável, pelo menos, eles parecem ter grande prazer do movimento que este exercício proporciona.”



Figura 5 - Ilustração de indígenas locais no Havai nas suas primeiras tentativas de surfar ondas.

Fonte: Havai State Archive.

Embora os primeiros relatos de surf sejam feitos no Havai, há opiniões de que o surf foi inventado pelos povos polinésios e posteriormente levado para o Havai por estes aquando a sua migração para estas ilhas há 2000 anos AC. Segundo (Siggemann, 2011) o surf poderá ter mais de 4000 anos de existência. Foi considerado o desporto dos reis no Havai e era praticado sobretudo pelas classes sociais mais altas. Mais tarde Duke

Kahanamoku (1890-1968), um Havaiano mostrou o surf ao mundo quando viajou pelos Estados Unidos, Austrália e Europa para divulgar a cultura do povo havaiano, o que inclui a prática do desporto dos reis.



Figura 6 - Duke Kahanamoku em 1912.
Fonte: <http://www.surfresearch.com.au/> em 06/07/16.

Em 1950 este desporto popularizou-se na costa oeste dos Estados Unidos da América, tornando-se uma moda entre os jovens, principalmente os das praias da Califórnia. Durante as décadas de 70 e 80 este desporto espalhou-se por todo o mundo. Atualmente a Austrália é o país com o maior número de campeões mundiais de surf. A organização do campeonato mundial é responsabilidade da WSL. Muito recentemente o surf foi considerado desporto olímpico pelo que a visão da modalidade será muito maior nos próximos anos com uma previsão de cada vez mais praticantes a nível mundial.

3.2. O aparecimento em Portugal

Tal como não é possível saber exatamente de onde apareceu o surf a nível mundial, com Portugal sucede o mesmo.

Pensa-se que o surf chegou a Europa através militares americanos que estavam estacionados em Biarritz e aí deixaram 50 pranchas na sua partida. Posteriormente Pedro Lima, aquele que é conhecido como o primeiro surfista Português trouxe algumas para a Linha do Estoril. Seguiram-se tempos difíceis pois o material técnico não existia e os conhecimentos e informação na altura sobre surf eram praticamente nulos. Os surfistas na altura foram autodidatas e viveram autênticas aventuras que ficaram na história do surf em Portugal, quando surgiu o aparecimento desta modalidade tais como por exemplo as várias vezes que os primeiros surfistas portugueses foram repreendidos ou até presos pelos “cabos de mar” que eram na época a autoridade presente nas praias, pois estes desconheciam aquele objeto denominado de prancha e julgavam que os surfistas eram banhistas irresponsáveis que não respeitavam as bandeiras vermelhas de proibição de entrar no mar. Desde então os anos foram-se passando sendo que especialmente depois do 25 de Abril o surf foi ganhando cada vez mais adeptos. No início dos anos 80, o surf deu um salto enorme no número de praticantes, instalou-se definitivamente de norte a sul do país ao ponto de ser hoje em Portugal tal como no resto do mundo o desporto que mais adeptos ganha por ano.

Hoje em dia o surf em Portugal é visto pela comunidade como um estilo de vida, um desporto saudável e de interação com a natureza que ajuda a combater os problemas e o *stress* do dia-a-dia. O surfista passou de ter a imagem de vagabundo e toxicodependente que tinha nos anos 80/90 para ser visto com algum estatuto social e que pratica um estilo de vida saudável.

Em seguida apresentam-se algumas datas importantes que marcaram a modalidade em Portugal:

- Em 1946 nasce em Carcavelos e na Parede o 1º clube de Bodysurf de Portugal, nesta altura só se surfava com o peito ou com uma prancha de cortiça mas já se deitavam sobre a prancha.
- Em 1987 Portugal fez-se representar pela 1ª vez enquanto Seleção Nacional de Surf por ocasião do Campeonato Europeu de Surf por Seleções – o Euro surf 87, realizado em França.
- Em 1988 é criada a Federação Portuguesa de Surf.
- Em 1989 surge o 1º Circuito Nacional de Surf, composto apenas por 3 etapas e vencido pelo surfista da Caparica – Bruno Charneca “ Bubas ”.
- Em 1989 (no mesmo ano) e pela 1ª vez teve lugar nas nossas águas portuguesas uma etapa do mundial de surf, vencida pelo surfista Rob Bain.
- Em 1990 verifica-se o reconhecimento mundial da qualidade das ondas portuguesas através da exposição mediática de um campeonato espetacular – o mundial de surf da Ericeira – Buondi – Pro.
- Em 1991 tem lugar a 1ª prova nacional (Espinho) com premiação em dinheiro e um surfista nacional – Dapin, sagra-se vice-campeão europeu de surf.
- Em 1992 o surf chega às televisões através do programa “Portugal Radical” da SIC, que tornou o surf num desporto ainda mais conhecido.
- Em 1993 tem início o Circuito Nacional de Esperanças, um conjunto de provas que impulsiona o futuro do surf nacional e que tem como estrela promissora o jovem surfista André Pedroso.
- Em 1996 pela 1ª vez Portugal recebe a elite do Surf Mundial numa prova da 1ª divisão do surf – World Championship Tour of Surfing.
- Em 2000 Tiago Pires, mais conhecido como Saca termina num segundo lugar histórico numa das provas de surf profissional mais emblemáticas do mundo em Sunset Beach – Hawaii. Foi a prova que mais visibilidade deu ao Surf Português a nível mundial.
- Em 2008 Portugal tem pela primeira vez um surfista nacional (Tiago pires), entre os 44 melhores surfistas do mundo a disputar a “1ª divisão” do Circuito Mundial de Surf.

- Desde 2010 que a Vila de Peniche assiste a uma das etapas do campeonato do mundo de surf – WSL, que tem tido cada vez mais um impacto enorme a nível mundial, por trazer pessoas de outras partes do mundo, e por ter uma das melhores praias, supertubos, que desperta a atenção não só pelas ondas mas como também, por nos dar secções de tubos perfeitos
- Desde o ano de 2012 Portugal entrou definitivamente no mapa das ondas grandes mundiais ao ser amplamente publicitada as sessões de surf em ondas gigantescas na Praia Norte da Nazaré pelo surfista americano/havaiano Garrett McNamara. Este terá sido o acontecimento com maior divulgação de sempre a nível mundial sobre o Surf em Portugal.
- Mais recentemente em 2014, Vasco Ribeiro, jovem surfista da linha do Estoril sagrou-se Campeão Mundial de Juniores.

3.3. As diferentes formas de praticar surf

Existem inúmeras formas de praticar surf. A seguir descrevemos com brevidade algumas das mais conhecidas:

Bodysurf

Bodysurf consiste em flutuar naturalmente, deixando o corpo ser levado pela onda. Pode ser usada uma mini prancha que se encaixa na mão para conseguir acompanhar melhor o movimento da onda.



Figura 7 – Praticante de Body surf
Fonte: www.surfertoday.com em 04/09/2016

Bodyboard

Surfar deitado em cima de uma prancha muito curta, usando o auxílio de propulsão de umas barbatanas específicas denominadas de “pés de pato”. É possível além de deitado, também deslizar de joelhos (dropknee) ou até mesmo de pé (standup).



Figura 8 – Bodyboard na Nazaré
Fonte: www.surfertoday.com em 04/09/2016

Kneeboard

Consiste em Surfar (1) de joelhos em cima de uma prancha (tipicamente uma prancha muito similar a uma prancha de surf).



Figura 9 - Kneeboard

Fonte: www.seabreeze.com.au em 04/07/16

Kayaksurf

Deslizar nas ondas montado num kayak.



Figura 10 - Kayaksurf

Fonte: www.surfkayakskills.com em 04/07/16

Windsurf

Deslizar nas ondas com uma prancha com vela.



Figura 11 - Praticantes de Windsurf na praia do Guincho
Fonte: www.portugalvirtual.pt em 04/09/16

O surf propriamente dito é realizado surfando de pé numa prancha com quilhas e o surf pode ser realizado com uma das seguintes pranchas:

Longboard

Surfar numa prancha muito comprida que ao transmitir mais flutuação ao surfista permite-lhe também realizar manobras ao se mover em cima da prancha.



Figura 12 - Longboard na Indonésia
Fonte: indosurflife.com em 04/09/16

Paddlesurf

Muito similar ao Longboard apenas com a diferença na forma de propulsão que é feita através de um remo, e a prancha é normalmente mais grossa de forma a suportar com o surfista de pé com a prancha parada.



Figura 13 - Paddlesurf na Austrália
Fonte: www.seabreeze.com.au em 04/09/16

Shortboard

Consiste em deslizar nas ondas com uma prancha mais pequena. Sendo a forma mais versátil de surfar é a que permitiu alcançar patamares de performance a nível de manobras mais elevados.



Figura 14 - Mick Fanning em Peniche durante o Campeonato do mundo usando uma Shortboard

Fonte: www.nowsurf.com em 04/09/16

Em conjunto com o Bodyboard, é a forma mais popular de fazer surf pela sua polivalência e forte componente histórica associada ao surf, pois, os campeonatos de surf, onde se utilizaram sempre as pranchas mais avançadas tecnologicamente, as shortboards, ou pranchas curtas, foram seguidos por milhares de fãs, que tendem a utilizar sempre o tipo de pranchas da vanguarda, mais especificamente, a shortboard.

Tow-in

Tow-in (reboque) é uma técnica que permite apanhar ondas muito maiores de forma mais facilitada pois a propulsão é realizada através de mota de água, que funciona também como meio de salvamento nas condições mais perigosas. A prancha utilizada no surf de Tow-in, é bastante mais pesada e resistente, e normalmente tem footstraps que são aplicações de fixação dos pés á prancha de forma a aguentar todas as vibrações existentes no surf de ondas grandes.



Figura 15 – Kelly Slater a surfar uma onda na Nazaré depois de ter sido rebocado pela mota de água (Tow-in)

Fonte: www.surfertoday.com em 04/09/2016

3.4 Equipamentos

Relativamente ao material de surf, apesar de ser um desporto que parece ser até aquele que precisa de menos coisas, a verdade é que existe algum material necessário, para que possa praticar a modalidade em segurança e ser um verdadeiro surfista.

A prancha é a ligação que há entre o surfista e o mar. Uma boa prancha é essencial para quem quer ter um bom desempenho. Ela tem que estar adaptada ao tamanho e as características físicas do atleta.

Em geral surfista de nível médio, e iniciado para praticar a atividade, já adquiriu o equipamento, numa loja de surf, ou através de sites na internet. O equipamento necessário básico depende do desporto em questão, mas basicamente consiste numa prancha, um leash e um fato de neoprene.



Figura 16 – Loja de material técnico em Peniche.
Fonte: <http://ionline.sapo.pt/> em 10/09/2016

Os valores médios destes materiais andam por volta do 200 a 500 euros para uma prancha, 15 a 30 euros para um leash e de 150 a 350 euros para um fato. Tendo em conta o facto de um surfista de nível médio possuir equipamento que têm valor acima dos 500€, e que este equipamento é renovado anualmente, dá para ter uma pequena ideia dos valores que a indústria do surf mexe apenas relativamente ao equipamento.

3.5. Tipos de ondas

As ondas são formadas pela força do vento sobre a água e variam de tamanho conforme a velocidade do vento. Estas são formadas por tempestades em alto-mar e ao chegarem em forma de linhas a costa (o que se denomina por swell no mundo do surf) dependendo do fundo que encontram e provoca a sua rebentação podem ser designadas nas seguintes tipologias:

- A. Beach Break:** Quando as ondas rebentam num fundo de areia de uma praia. Os Beach Breaks apresentam normalmente ondas mais fáceis e menos perigosas, mas também dependendo da movimentação das areias e sedimentos apresentam ondas divertidas pelo que são procurados por todo o nível de surfistas.
- B. Shore break:** Lugar em que as ondas quebram diretamente em cima da areia da praia. Apesar de o fundo ser de areia os Shore breaks são caracterizados por terem ondas com muita força e com pouca água, pelo que são mais procurados pelos praticantes de bodyboard ou de body surf.
- C. Reef Break:** Lugar em que as ondas são formadas quando a ondulação passa por uma bancada rasa de pedra ou coral. São ondas de carácter mais difícil e muito mais perigosa pelo que são mais procuradas por surfistas mais experientes.
- D. Point-break:** São lugares em que o tipo de fundo torna as ondas mais consistentes, longas, uma vez que o fundo nunca muda de posição. São ondas de nível médio e são o tipo de ondas talvez mais procurado pelos surfistas.

3.6. Condições para a prática da modalidade

As condições para a prática da modalidade dependem muito do vento. Os surfistas utilizam palavras adequadas para descrever como estão as condições em função da direção do vento, sendo as principais as que a seguir se identificam:

- A. Glass:** Termo que descreve condições de mar num dia sem vento. A superfície das ondas assemelham-se a vidro liso, sem textura normalmente provocada pelo vento. Normalmente é quando está perfeito para surfar.
- B. Offshore:** Vento que sopra de terra em direção ao mar, alisando a onda e favorecendo a formação de tubos.
- C. Onshore:** Vento que sopra do mar para terra, provocando uma desagregação da onda. As ondas apresentam-se desordenadas e com poucas condições para a prática da modalidade.

Atualmente existem páginas na internet em que é possível prever qual a intensidade e a direção dos ventos e o período da ondulação para uma determinada região e assim poder escolher o local que melhor servirá o interesse e nível do surfista. Páginas como por exemplo o Windguru (site mais utilizado por todo o praticante de surf) ou o Magicseaweed mostram todas essas informações (direção, o tamanho da ondulação e o vento) com cerca de uma a duas semanas de antecedência. Uma coisa que faz toda diferença é saber que tipo de ondulação e de vento são bons para as praias que normalmente o praticante frequenta.

Quando mais vezes o local se apresentar com boas condições, ou seja com ausência ou vento favorável, swell e boa formação das ondas derivado ao fundo existente maior será o número de dias com boas condições para a prática de surf e os locais designam-se consistentes.

4. ANÁLISE SWOT DAS ZONAS COSTEIRAS

Em seguida procedemos a uma descrição das principais características e do estado do turismo de surf nas principais zonas costeiras Portuguesas seguido da análise SWOT das mesmas. Foram consideradas quatro zonas costeiras para análise pois são aquelas que são consideradas pelos surfistas portugueses como as que melhores condições para a prática do surf apresentam e onde se tem verificado um maior desenvolvimento do turismo de surf. Não estão analisadas outras zonas da costa portuguesa, mas no contexto do estudo, a análise das quatro zonas principais consideraram-se suficientes e representativas da importância e do valor das ondas e do surf para a economia Portuguesa, no contexto da área científica da Gestão.



Figura 17- Principais zonas do litoral Português
Fonte: <http://www.wannasurf.com/>

4.1. Cascais

A região de Cascais é uma zona que apresenta um grande potencial para a realização de desportos de ondas. A situação a nível geográfico faz com que se possa praticar surf todo o ano pois devido ao recorte da costa é possível surfar boas ondas com ventos e com swell proveniente de diferentes quadrantes, dando ao concelho uma consistência muito boa em termos de dias de surf, apresentando-se assim como um destino atrativo uma aposta certa para quem quer praticar este desporto em qualquer altura do ano (ver tabela 1).

É uma zona que apresenta spots de boa qualidade e com diferentes características, num total de 8 Beachbreaks, 2 Shorebreaks, 8 Reefbreaks e 6 Pointbreaks. Cascais tem sido denominado como a “capital do surf” em Portugal pois é aqui que tem havido uma grande aposta no surf em termos de infraestruturas e em formação de atletas não sendo por isso de estranhar que os maiores talentos jovens do surf português sejam deste concelho, onde o surf está mais desenvolvido em Portugal. É também em Cascais que se realizam muitas provas e eventos nacionais da modalidade. Neste município também há uma etapa anual do campeonato mundial de qualificação (WQS) que decorre na praia do Guincho ou na praia de Carcavelos que serve de alternativa em caso de condições adversas.

A praia do Guincho é também mundialmente famosa no mundo do windsurf. É uma das zonas do mundo que apresenta maior qualidade para este desporto nos meses de verão, recebendo por isso um grande número de visitantes nacionais e sobretudo estrangeiros.



Figura 18 - Placard publicitário da região.
Fonte: Câmara municipal de Cascais

Interno	Forças	Fraquezas
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Consistência durante todo o ano ✓ Qualidade das ondas ✓ Situação geográfica favorável (perto de Lisboa) ✓ Bons acessos e infraestruturas 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vento onshore durante o verão ✓ Dificuldade em encontrar estacionamento ✓ Custo de vida mais caro que outras zonas de Portugal
Externo	Oportunidades	Ameaças
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Atração de investimento ✓ Criação de novos postos de trabalho ✓ Turismo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Crescente número de surfistas na água (crowd) ✓ Assaltos ✓ Descaracterização do município e do parque Sintra-Cascais devido as pressões Urbanísticas

Tabela 1 - Análise SWOT de Cascais como destino de Surf.

(Elaboração própria com base no relatório da comissão VOW (Value of waves).

4.2. Ericeira

O aparecimento do surf na Ericeira acontece na década de 60 quando alguns australianos apareceram na vila em buscas do desconhecido e de ondas perfeitas.

Hoje em dia a Ericeira é designada e conhecida como a meca do surf em Portugal. As características deste lugar único no mundo garantiram-lhe a atribuição do galardão de reserva mundial de surf em 2011, a segunda reserva de surf a ser constituída no mundo depois da Califórnia nos Estados Unidos. Para a atribuição deste galardão foram considerados alguns critérios como a qualidade e a consistência das ondas, a importância do surf e da história na zona, assim como ainda o número de praticantes na região e as características ambientais da Ericeira. Ao todo a reserva engloba 4 quilómetros de orla costeira, num total de 7 ondas de classe mundial (VOW, 2014).



Figura 19 - Monumento em tributo aos surfistas na Ericeira

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/13956645>

Devido a todas estas características não é de estranhar que a Ericeira se assuma como uma vila que tem muito do seu turismo virado para o mar e para o surf. Durante a última década observou-se um crescimento exponencial do número de alojamentos turísticos, escolas de surf e de estabelecimentos de restauração que têm como seus habituais clientes o grande número de turistas nacionais e estrangeiros que frequentemente vão até a Ericeira em busca de ondas perfeitas e de uma qualidade de vida que apenas esta vila consegue oferecer.

Foi também nesta vila que se formou o atleta português mais importante nesta modalidade, Tiago Pires que esteve vários anos a competir no campeonato mundial de surf onde apenas participam os melhores 44 surfistas mundiais.

Interno	<p style="text-align: center;">Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Qualidade das ondas equiparável aos melhores lugares do mundo ✓ Boa consistência das ondas ✓ Cidade agradável ✓ Boas infraestruturas turísticas ✓ Perto de Lisboa (45 minutos de carro) 	<p style="text-align: center;">Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Inverno rigoroso ✓ Em dias de tempestades não há grandes opções na zona para a prática de surf ✓ Transportes públicos pouco desenvolvidos
Externo	<p style="text-align: center;">Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Formação e organização dos operadores de Turismo ✓ Requalificação da orla costeira, preservando-a e valorizando-a (carreiros, miradouros, estrada, mais iluminação...) Preservando-as com turismo sustentável ✓ Aumentar a qualidade e diversidade do turismo do marítimo ✓ Diminuir a sazonalidade do turismo 	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Conflitos resultantes do aumento do crowd dentro de água. ✓ Pressão imobiliária com descaracterização do território

Tabela 2 - Análise SWOT da Ericeira como destino de Surf.
(Elaboração própria com base no relatório da VOW (*value of waves*))

4.3. Peniche

A cidade de Peniche é a mais ocidental da Europa, está implantada numa península (primitivamente uma ilha), localizada cerca de 80km a norte de Lisboa.

As suas condições naturais criam ondas perfeitas para a prática de desportos náuticos, independentemente da direção da ondulação e do vento. As outras praias do concelho são, também elas, excelentes para os amantes destas modalidades. Peniche tem extensas praias a norte e a sul da península. A praia norte prolonga-se, desde o Baleal até à Foz do Arelho. Os seus “picos de surf” localizam-se em extensão de cerca de 19 quilómetros entres as duas praias. O ponto mais ocidental da Península de Peniche é o Cabo Carvoeiro.

A sul, temos a praia dos Supertubos. É a praia mais procurada pelos surfistas de todo o mundo tendo a fama de ser um dos melhores beachbreaks do mundo, sendo esta, o palco do famoso campeonato de surf “Moche RipCurl Pro Portugal” que deu início em Outubro de 2009 e que tem vindo a ser realizado todos os anos. Este evento conta com a presença dos melhores surfistas mundiais.



Figura 20 - Painel publicitário em Peniche com uma foto da assistência na praia ao campeonato mundial

Fonte: Câmara municipal de Peniche

Aliando o espírito de surf e as condições naturais da costa, juntamente com o início dos campeonatos a oferta de surf em Peniche revela-se cada vez mais abrangente e complementar, desde a iniciação ao free surf, da competição ao tow-in, sustentando cada vez com mais ênfase o *slogan* “Peniche – Capital da Onda”. Embora numa escala completamente diferente, na ordem de grandeza dos números, só a prova RipCurl Pro 2013, em Peniche que conta para o campeonato do mundo de surf, rendeu €13,3 milhões em receitas, em apenas uma semana. No ano seguinte subiu para €13,6 milhões, número que no ano passado poderá ter aumentado, até porque houve mais surfistas, mais público e mais promoção a nível mundial que nos anos anteriores.

É hoje uma opinião geral de que o surf trouxe uma diminuição de sazonalidade ao turismo da região e Peniche é hoje uma cidade dinâmica mesmo nos meses de inverno.

Interno	Forças	Fraquezas
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Provavelmente o lugar da europa mais consistente em termos de ondas ✓ Biodiversidade da região ✓ Imagem e promoção da região nos meios de comunicação internacional devido ao campeonato mundial ✓ Recorte geográfico ✓ Condições naturais ✓ Recursos naturais 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desordenamento urbano ✓ Assaltos ✓ Decadência das indústrias tradicionais de Peniche ✓ Falta de informação aos turistas ✓ Poluição de algumas fábricas ✓ Mau cheiro
Externo	Oportunidades	Ameaças
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver formas de integrar todas as atividades ligadas ao mar (pesca, turismo, energia, biotecnologia, educação ambiental desporto náutico) ✓ Formação e organização dos operadores de Turismo ✓ Requalificação da orla costeira, preservando-a com turismo sustentável ✓ Aumentar a qualidade e diversidade do turismo do marítimo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Decadência das indústrias tradicionais de Peniche e o seu progressivo desaparecimento ✓ Destruição da estrutura dunar pela pressão do homem ✓ Conflitos resultantes do aumento do crowd dentro de água. ✓ Pressão imobiliária ✓ Desemprego / falta de apoio às empresas

Tabela 3 - Análise SWOT de Peniche como destino de Surf.
(Elaboração própria com base no relatório da VOW (value of waves))

4.4. Nazaré

A Nazaré é a mais recente zona de Portugal a ser descoberta pelos meios internacionais de surf.

As características geológicas da Nazaré fazem com que a plataforma continental neste lugar seja muito pequena, e que portanto as ondas se formem em águas muito profundas ocasionando grandes massas de água que ao chegar a costa aumentam de tamanho, atingindo dimensões monstruosas (VOW, 2014).

Através de um surfista havaiano de seu nome Garrett Macnamara que se mudou para a Nazaré quando soube da existência destas ondas, foi batido aqui em 2013 o record da maior onda surfada no mundo, uma onda de 27 metros que fez com que o nome de Portugal e da Nazaré fosse falado nos quatro cantos do mundo através dos noticiários, internet, rádios e outros meios de comunicação. De fato segundo dados do turismo de Portugal a Nazaré em Novembro e Dezembro de 2014 teve mais cobertura nas notícias internacionais que Lisboa. A Nazaré colocou Portugal no mapa como destino de ondas grandes.



Figura 21 – Dia de ondas para *Tow-in* na Praia do Norte na Nazaré.
Fonte: www.dailysurfvideos.com

Segundo o presidente da autarquia Walter Chicharro, nos últimos tempos o farol da Praia Norte foi visitado por mais de 110 mil pessoas, e o histórico ascensor que liga a vila ao alto da falésia este ano deverá transportar perto de 900 mil pessoas, pesquisa feita em 2015, contra 640 mil em 2014. É no farol que se avistam melhor as ondas gigantes que correm o mundo sempre que um surfista tenta bater um novo recorde (ver figura 21). Segundo as palavras do presidente da autarquia, os investimentos na hotelaria da Nazaré multiplicam-se e somam já €30 milhões e as receitas na restauração sobem à razão de 50% ao ano. Mas o melhor ainda está para vir: um investimento de €1000 milhões de euros, de capitais suíços e alemães, num mega projeto turístico cujas taxas municipais seriam suficientes para liquidar a dívida da autarquia, uma das mais elevadas do país.

Interno	Forças	Fraquezas
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Maiores ondas do mundo ✓ Custo de vida reduzido ✓ Grande visibilidade internacional ✓ Valor histórico 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Falta de informação aos turistas ✓ Cidade pouco virada para o turismo ✓ Ondas grandes apenas no inverno ✓ Acessos a algumas praias cortados
Externo	Oportunidades	Ameaças
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver formas de integrar todas as atividades ligadas ao mar (pesca, turismo, energia, biotecnologia, educação ambiental desporto náutico) ✓ Formação e organização dos operadores de Turismo ✓ Requalificação da orla costeira, preservando-a com turismo sustentável ✓ Aumentar a qualidade e diversidade do turismo do marítimo 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Trânsito e dificuldade em estacionar em dias de Ondas grandes ✓ Poluição e degradação dos ambientes naturais devido a afluência de grandes massas

Tabela 4 - Análise SWOT da Nazaré como destino de Surf.
(Elaboração própria com base no relatório da VOW (value of waves))

5. ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS RESULTADOS

5.1. Estudos prévios:

Em seguida apresentam-se uma síntese de alguns estudos internacionais já elaborados, onde foi calculado o impacto económico que o turismo de surf originou nessas regiões.

As zonas apresentadas tem em comum o facto de apresentarem condições excepcionais para a prática de surf, bem a semelhança dos lugares da costa Portuguesa analisados neste trabalho.

Valor das ondas				
Zona	Ano do estudo	Visitantes/Ano	Gasto Médio/Visitante/Dia	Impacto económico
Mundaka (Espanha)	2008	37,500	120 USD	4.5 Milhões
Mavericks (EUA)	2009	420,000	57 USD	23.9 Milhões
Trestles (EUA)	2012	300,00	80 USD	24 Milhões
Huanchaco (Peru)	2014	6,739	45 USD	303.255 Mil
Pichilemu (Chile)	2014	10,000 - 40,000	168 USD	2 -8 Milhões
Uluwatu (Indonésia)	2014	240,000	150 USD	35 Milhões

Tabela 5 – Valor estimado do impacto económico de vários surfspots ao redor do mundo.

Fonte: Elaboração própria com base nos estudos de Driscoll e Durham (2010), Hodges et al. (2014), Lovett et al. (2014), Murphy (2009) e *Save the Waves Coalition*.

Como podemos verificar pela análise da tabela número cinco, os impactos económicos do turismo de surf nestas regiões têm uma dimensão considerável e são reveladores da importância que um bom surfspot pode ter como alavanca para a economia de uma região, servindo para a sua promoção e conseqüentemente atração de turistas que muito provavelmente ali não se deslocariam se não houvessem boas ondas.

Repara-se que o impacto económico e o número de visitantes é muito maior em zonas como Uluwatu, Trestles ou em Mavericks, muito provavelmente devido ao facto de o turismo de surf ter começado há muito mais tempo nestes lugares do que na Europa e na América do Sul, onde o surf ainda é um fenómeno recente. Sendo assim as regiões que lidam há mais tempo com o turismo de surf, tiveram o tempo necessário para

desenvolver uma oferta mais apropriada aos turistas de surf, que atrai um maior número de visitantes anualmente.

Ano	2011	2012	2013	2014	2015
Retorno	12.4	18	21	29	30

Tabela 6 – Retorno da Etapa Mundial da WSL em Peniche ao longo dos anos.

Fonte: Estudo sobre o Impacto Socioeconómico do Moche Ripcurl Pro (2015) da Câmara Municipal de Peniche

Através da análise da tabela número 6, pode observar-se que tem havido um aumento do retorno financeiro da etapa mundial de surf que acontece todos os anos em Peniche. Estes resultados mostrados pelo estudo da câmara municipal de Peniche, refletem o esforço que tem sido feito pelas autoridades locais para posicionar Peniche como destino de surf. Podemos discutir que á medida que o evento e a região são mais conhecidos pela comunidade surfista internacional maior tem sido as receitas devido a uma maior afluência de turistas de surf e maiores receitas com os meios de comunicação. Em geral esta tabela parece demonstrar que se soubermos aproveitar as oportunidades, como tem acontecido em Peniche, o surf em Portugal enquanto atividade económica tem ainda uma margem muito grande para crescer em zonas que apresentem boas condições para a modalidade.

5.2 Indicadores do turismo

Territórios	Total de Dormidas				
	⊥ 2009	2010	2011	2012	2013
Nazaré	⊥ 81,654	80,821	118,586	110,197	124,427
Peniche	⊥ 86,513	87,653	...	99,385	101,088
Figueira da Foz	⊥ 86,513	192,795	183,963	167,689	166,807
Cascais	⊥ 981,729	1,079,462	1,190,605	1,202,055	1,206,730
Mafra	...	88,184	86,636	90,059	109,033
Aljezur	⊥ 6,863	7,027	6,173
Vila do Bispo	⊥ 122,079	117,031	177,437	211,563	221,554

Tabela 7 - Número total de dormidas nas unidades hoteleiras entre 2009 e 2013

Fonte: Pordata

Simbologia: ⊥ Quebra de Série / ... Confidencial

Territórios	Total de proveitos dos estabelecimentos hoteleiros					
	2009	2010	2011	2012	2013	± 2014
Anos	2009	2010	2011	2012	2013	± 2014
Nazaré	4,690	4,352	5,887	5,808	6,026	± 6,713
Peniche	3,935	4,003	...	3,995	4,243	± 4,619
Figueira da Foz	8,794	7,723	7,139	6,588	6,299	± 6,629
Cascais	71,135	78,474	89,069	84,406	89,526	± 97,168
Mafra	...	4,195	4,165	3,795	4,218	± 4,915
Aljezur	247	260	376	...	391	± 671
Vila do Bispo	6,041	6,908	7,684	14,742	16,623	± 22,370

Tabela 8 – Total de proveitos dos estabelecimentos hoteleiros ao longo dos últimos 6 anos

Fonte: PORDATA

Simbologia: ± Quebra de Série / ... Confidencial

Territórios	Alojamento, restauração e similares				
	2010	2011	2012	2013	2014
Anos	2010	2011	2012	2013	2014
Nazaré	333	322	303	267	319
Peniche	362	368	355	352	367
Figueira da Foz	528	525	501	478	480
Cascais	1,636	1,618	1,589	1,590	1,622
Mafra	575	568	550	544	571
Aljezur	136	134	131	132	156
Vila do Bispo	182	204	200	210	236

Tabela 9 – Evolução do número de negócios relacionados com o Turismo nos últimos 5 anos.

Fonte: PORDATA

Características das zonas costeiras Portuguesas							
Municípios	Consistência das ondas	Qualidade das ondas	Clima	Oferta de Alojamento	Oferta na Restauração	Atividades Pós-Surf	Pontuação Média
Figueira da Foz	3	3	3	3	4	3	3.17
Nazaré	3	5	3	4	4	3	3.67
Peniche	5	5	3	5	5	3	4.33
Ericeira (Mafra)	4	5	4	5	5	4	4.5
Cascais	5	4	4	4	5	5	4.5
Aljezur	3	4	4	3	3	2	3.67
Vila do Bispo	5	4	4	4	3	3	3.83

Tabela 10 – Avaliação das características das principais zonas costeiras com potencial para surf em Portugal

Fonte: (Elaboração própria)

Escala de Likert	Avaliação
1	Muito Fraco
2	Fraco
3	Razoável
4	Bom
5	Muito Bom

Olhando para as tabelas apresentadas em cima, pode-se observar um crescimento no número de dormidas na maioria das regiões, a exceção da Figueira da foz que parece ter vindo a sofrer uma queda no turismo.

O mesmo observa-se na análise da tabela 8, referente aos proveitos das unidades Hoteleiras com a Figueira da Foz a ser a única região a apresentar quebras nas receitas hoteleiras. Este resultado pode ser explicado pela pouca aposta que tem havido por parte das autoridades locais em transformar a Região mais apetecível para o turismo, com uma oferta mais adequada para os turistas e com uma preocupação ambiental maior. Pois a Figueira, apesar de ter boas ondas é uma zona poluída, pouco atrativa e muito distante da imagem que possuía há uns anos atrás enquanto destino turístico.

De salientar o grande crescimento que se verifica na Vila do Bispo, que passou de cerca de 6 milhões de euros de proveitos em 2009 para aproximadamente 22 milhões em 2015. Estes resultados podem estar relacionados com a modernização e abertura de novas unidades hoteleiras na região que possuem uma oferta adequada, assim como com a quebra de sazonalidade que se tem vindo a observar nesta zona, com muitos turistas de surf espanhóis do mediterrâneo a se deslocarem a Vila do Bispo aos fins-de-semana durante os meses de inverno. A proximidade ao epicentro de turismo em Portugal (região centro do algarve) associado a crescente procura dos turistas por incluir atividades nas suas férias, pode também ajudar a interpretar estes resultados.

Na Nazaré e em Peniche, duas das cidades que mais tem aparecido nos meios de comunicação nacionais e internacionais devido a notícias relacionadas com o surf, verifica-se também um crescimento bastante interessante nos últimos anos a nível de dormidas e de proveitos nas unidades hoteleiras, com o número de negócios relacionados com o Turismo a recuperar a bom ritmo após uma época de crise.

Atendendo que tem havido uma aposta muito forte por parte das autoridades locais no posicionamento destas duas regiões como destinos de excelência para o surf, e que a atividade turística se encontra maioritariamente virada para os desportos de ondas, é nos possível relacionar esta recuperação económica com a aposta no turismo de surf que tem acontecido nestes dois municípios. Mais uma vez pode estar a ser combatida a sazonalidade do turismo que havia em anos anteriores, e que agora tende a ser menor devido aos turistas de surf que procuram as ondas durante o inverno, altura em que se observam maiores ondulações na costa Portuguesa.

Em Aljezur verifica-se que tem havido crescimento económico no setor do turismo, mas ainda assim tem acontecido de forma lenta. Em Cascais apesar de o surf estar bastante desenvolvido, o turismo de surf tem um menor expressão estatística quando olhamos para os números do turismo na região, pois existem muitos outros setores de turismo bastante expressivos que certamente estarão associados a estes dados, tais como o turismo de sol e mar ou o golf por exemplo.

No município de Mafra, quando falamos em turismo de surf, referimo-nos essencialmente a zona da Ericeira, pelo que é difícil poder discutir o impacto do Turismo de surf que acontece na Ericeira nos dados que pertencem a um município inteiro, que tem outras vertentes de turismo.

Se compararmos os resultados obtidos em todas as tabelas, parece haver um crescimento do turismo muito maior nas regiões que apresentam boas condições para a prática de surf e nas quais tem havido uma maior aposta por parte das autoridades no turismo de surf, tal como acontece em Vila do Bispo, Peniche ou Nazaré.

5.3. Questionário

5.3.1. Género

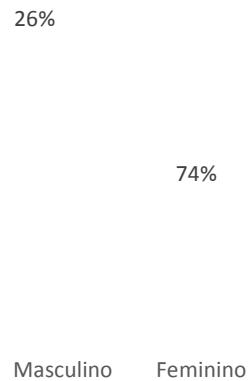


Gráfico 3 - Distribuição da amostra por género

No sentido de caracterizar os indivíduos deste estudo foi verificado que o sexo masculino é ainda aquele que apresenta uma maior expressão no número de praticantes que preencheram o Inquérito. Na nossa amostra temos então um total de 74% de indivíduos do sexo masculino e apenas 26 % de indivíduos do sexo feminino.

Este resultado já era esperado pois em analogia a outros desportos como o futebol por exemplo observa-se que de fato existe um maior número de praticantes do sexo masculino.

5.3.2. Idade

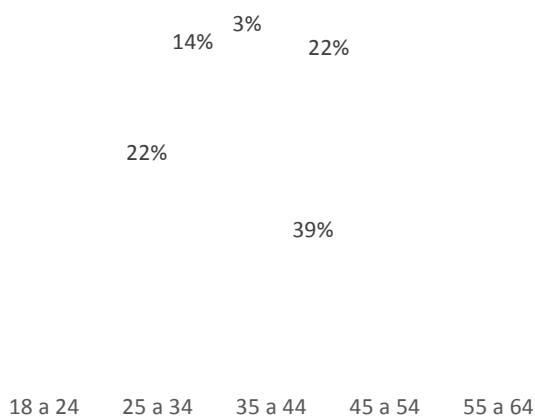


Gráfico 4 - Distribuição da amostra por faixa etária

Verifica-se através da análise destes resultados que a faixa etária que apresenta maior expressão é a dos 25 aos 34 anos com 39% dos inquiridos a se enquadrar neste intervalo. Logo em seguida curiosamente temos um empate entre a faixa etária do 18 aos 24 e da faixa dos 35 aos 44 anos ambas com 22% dos inquiridos.

Estes resultados vão ao encontro de conclusões de estudos prévios como o caso de Dolnicar e Flucker (2003) que referem que a idade média do praticante de surf é de 30 anos ou ainda aos estudos referentes aos surfistas portugueses como o de Silva (2012) ou de Pereira (2013) que afirmam que a idade média do surfista português é de 28 anos.

5.3.3 Zona Geográfica de Residência

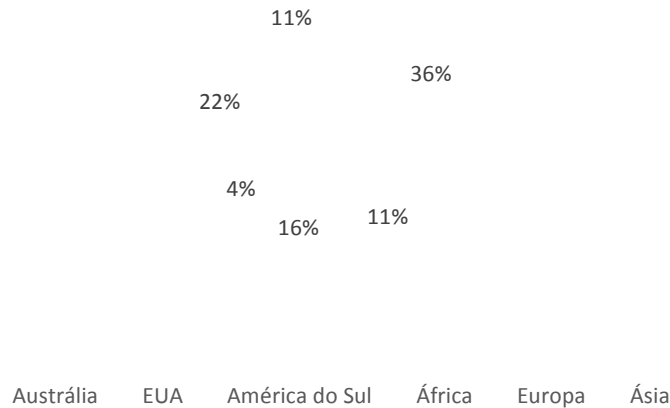


Gráfico 5 - Residência em termos geográficos da amostra.

Como se pode observar no gráfico 5 a Austrália e a Europa são os continentes com mais expressão na nossa amostra, com 36% e 22% respetivamente. No caso da Austrália, o resultado pode ser explicado pela proximidade geográfica deste continente com a ilha de Bali, zona onde foi efetuada a recolha de dados. O mercado Australiano é um dos maiores emissores de turismo na ilha e tal é perceptível por quem lá passa. Quanto a percentagem de Europeus elevada na amostra, o resultado acaba por ser uma surpresa positiva. Devido a proximidade geográfica dos Países Europeus e a facilidade em viajar nos tempos atuais, o mercado europeu é aquele que se apresenta com maior potencial e o que mais nos interessa conhecer.

Tivemos também na nossa amostra 16% de surfistas sul-americanos, 11% de surfistas da Ásia, igualmente 11% de surfistas provenientes dos Estados Unidos da América e 4% originários de África, estes últimos todos provenientes da África do Sul.

5.3.4. Número de surftrips que realizadas por ano

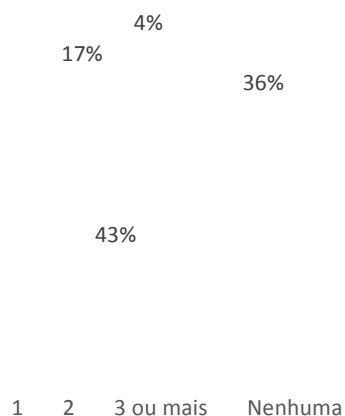


Gráfico 6 - Número de surftrips realizadas por ano.

Relativamente a pergunta sobre quantas surftrips por ano o surfista realiza, 43% da amostra respondeu que realiza duas, enquanto 36% por cento admitiu realizar apenas uma. Existem ainda 17% dos inquiridos que realizam 3 ou mais surftrips por ano. Apenas 4% da amostra respondeu que não realiza surftrips. Apesar de os questionários terem sido aplicados numa zona onde provavelmente a maioria dos inquiridos se encontra no decorrer de uma viagem de surf, esta pergunta parece mostrar que a maioria dos surfistas viaja com alguma frequência para praticar a modalidade.

5.3.5. Despesa quando realiza uma surftrip

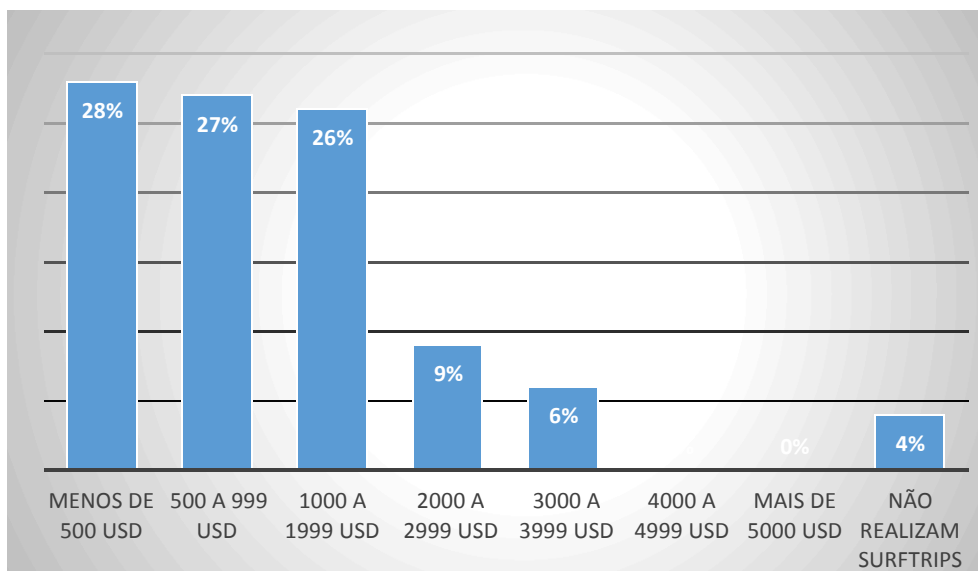


Gráfico 7 - Gastos totais quando realiza uma surftrip em dólares Americanos.

No que se pode verificar pela análise do Gráfico número 7, 28% dos inquiridos afirmam gastar menos de 500 dólares quando realiza uma surftrip, 27% da amostra inquirida afirma gastar entre 500 e 999 dólares quando realiza uma surftrip enquanto 26% da amostra inquirida gasta um pouco mais, entre 1000 a 1999 dólares. A seguir há 9% de surfistas que aceitam gastar entre 2000 a 2999 dólares por surftrip e uma pequena percentagem de 6% afirma mesmo gastar entre 3000 a 3999 dólares para realizar viagens de surf.

Em concordância do que já fora analisado na pergunta referente ao gráfico 6, apenas 4% da amostra admite não realizar surftrips.

Não houve ninguém que afirma-se gastar mais de 4000 dólares para realizar surftrips.

5.3.6. Gastos com material por ano

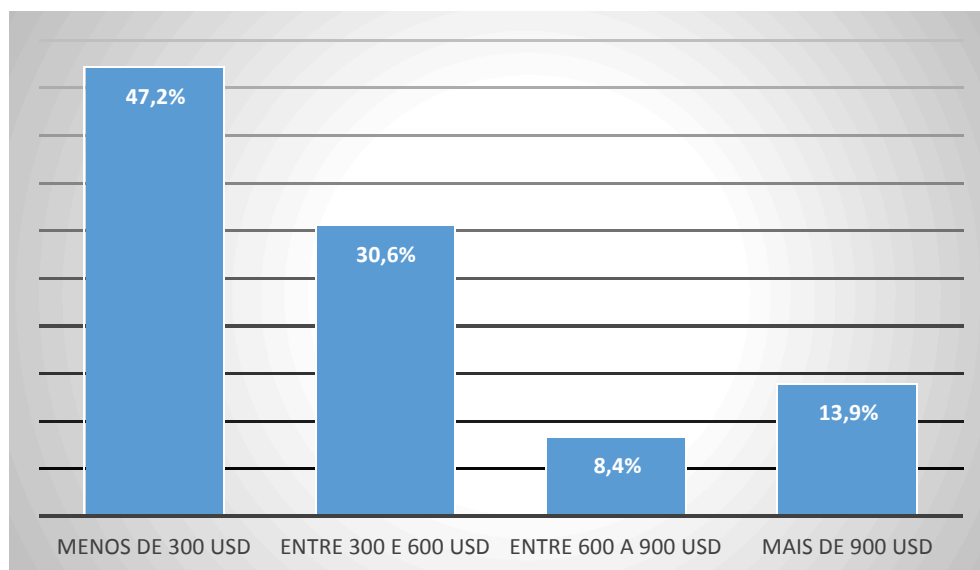


Gráfico 8 - Gastos em material por ano em dólares Americanos.

No que toca a gastos com material por ano, 47,2% dos surfistas da amostra afirma gastar menos de 300 dólares americanos, valores um bocado baixos na medida que uma prancha de surf nova custa no mínimo 350 dólares e um fato no mínimo 150 dólares. Interpretando este resultado ou os valores refletem apenas custos com a manutenção do material e compra de materiais secundários, ou uma grande parte dos surfistas opta por comprar o material em segunda mão.

Logo a seguir e ainda com grande expressão na amostra, vem os surfistas que gastam entre 300 a 600 dólares americanos por ano com material da modalidade que tem 30,6% da amostra. Um resultado aparentemente mais normal visto aos custos do material de surf. Há ainda 13,9 % dos inquiridos que afirma gastar mais de 900 dólares por ano e 8,4% que gasta entre 600 a 900 dólares.

5.3.7 Conhecimento de que há boas ondas para surf em Portugal

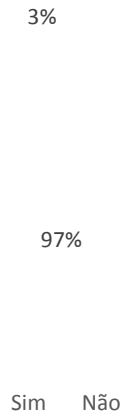


Gráfico 9 – Tem conhecimento sobre as boas condições que Portugal apresenta para a prática de surf?

Quanto foi colocada a pergunta aos inquiridos se tinham conhecimentos que Portugal tem excelentes ondas e condições para a prática do surf, uma expressiva maioria de 97% afirmou ter conhecimento, o que demonstra que os campeonatos, eventos e campanhas turísticas relacionadas com o surf, que se tem verificado em Portugal nos últimos anos tem tido repercussão na formação da imagem de Portugal com destino de surf.

5.3.8. Visitas anteriores a Portugal /Intenção de visitar ou revisitar

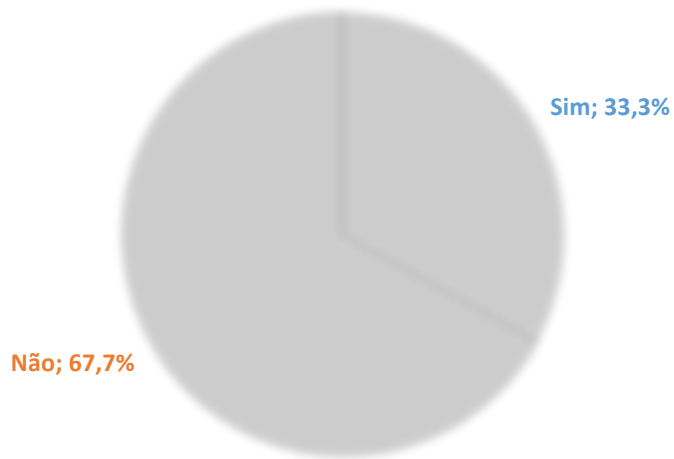


Gráfico 10 - Já visitou Portugal para praticar surf?

Surpreendentemente 33.3% dos inquiridos já esteve em Portugal para praticar surf. Estes resultados podem ser relacionados com o fato da amostra conter um grande número de surfistas europeus que pela proximidade geográfica já tiveram a oportunidade de vir a Portugal para praticar surf.

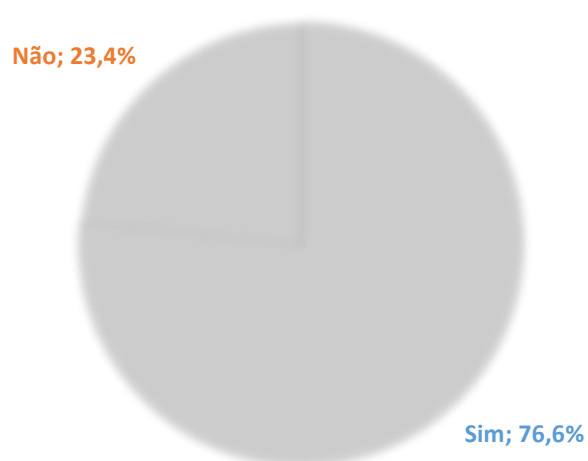


Gráfico 11 - Intenção de visitar ou visitar Portugal para praticar surf.

Quando a vontade de visitar ou visitar Portugal para fazer surf, uma esmagadora maioria de 76.6% refere que tem ambição de ir para Portugal praticar surf. Estes resultados são bastante positivos e demonstramos um grande potencial que o turismo de surf apresenta para o nosso país.

5.3.9. Imagem do País enquanto destino de surf



Gráfico 12 - Opinião acerca de Portugal enquanto destino para praticar surf

Quando foi perguntado aos inquiridos sobre a sua opinião/percepção acerca do nosso País como destino de surf, 61.1% considera Portugal uma opção muito boa para realizar uma surftrip e 30.6% considera mesmo uma excelente opção.

Somando os dois resultados mais expressivos atingimos uma percentagem de 91.7% dos surfistas a ter uma opinião muito positiva sobre Portugal enquanto destino para praticar surf.

6. DISCUSSÃO, CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES

Sendo o surf uma prática desportiva que atingiu maior notoriedade nas últimas décadas, e ainda pouco explorada e analisada, com este estudo pretendeu-se ampliar o conhecimento científico sobre o surf, como prática desportiva, identificando as suas características, as necessidades e condicionantes para a sua prática e, em particular, esclarecer sobre alguns aspetos principais, contribuindo assim para a gestão bem sucedida deste desporto, num contexto delimitado e especificamente definido como sejam as ondas da zona costeira portuguesa e respetivas regiões com maior potencial de desenvolvimento da atividade e de criação de valor económico para Portugal.

A investigação levada a cabo permitiu-nos evidenciar o perfil do turista, em particular o turista externo e, as motivações que o levam a visitar Portugal, conseguindo obter informação mais concreta sobre a potencialidade deste segmento de mercado, partindo da posição que Portugal já conquistou enquanto destino natural para a prática do surf, bem como, ensaia uma antevisão do que poderá ser empreendido no curto prazo para incentivar o empreendedorismo nacional nesta área. Pois, ao dar-nos a conhecer as principais características do praticante de surf e as suas principais motivações, as empresas que em Portugal servem este mercado poderão adequar os seus produtos e serviços de forma a melhor servirem este segmento de mercado que apresenta características muito próprias e conduzindo às respostas empresariais e ou governamentais de maior sucesso.

6.1. Principais Conclusões

Através da análise dos casos de estudo já realizados e publicados pelas entidades referenciadas neste documento, conclui-se que o impacto económico de determinadas ondas especificadas anteriormente, se podem classificar como “ondas com qualidade ideal para a prática de surf” e que, para as economias locais destas zonas costeiras, as mesmas já representam, de facto, uma mais-valia económica e uma oportunidade única para as localidades onde se verificam.

Da análise das nossas zonas costeiras, podemos concluir que Portugal dispõe, efetivamente, de excelentes condições naturais para a prática de surf e, oportunamente, dispõe no presente momento de uma vantagem acrescida nos dias que vivemos pois, a notoriedade do surf está numa fase de grande crescimento, a qual se tem vindo a verificar um pouco por todo o mundo. Portugal tem, presentemente, uma oportunidade única para se poder posicionar como um destino de excelência e desenvolver novos produtos e serviços relacionados com a modalidade e com o turismo do surf.

Ao analisarmos os principais indicadores do turismo nas nossas zonas costeiras, foi nos possível verificar que nas zonas onde se tem feito um trabalho de desenvolvimento e promoção do turismo de surf, tal como na Nazaré e em Peniche, as receitas e os negócios relacionados com o turismo tem crescido a um ritmo maior do que em outras zonas onde não tem sido feito uma aposta tão grande neste setor.

Assim, e face ao enunciando nos parágrafos anteriores acreditamos ser importante a adequação das estratégias públicas e privadas em algumas das zonas analisadas para que possa haver uma melhor exploração das oportunidades existentes e um maior desenvolvimento turístico do concelho.

Através da análise dos dados dos questionários aplicados aos surfistas é possível constatar que, o típico surfista é um individuo do sexo masculino, com uma idade compreendida entre o intervalo dos 25 e 34 anos. Contudo, existem evidências de que o número de praticantes do sexo feminino tem condições para crescer a curto pois, afinal é um desporto que exige, muitas vezes, viajar. O período de férias é, regularmente, o período possível para tais viagens, pelo que os acompanhantes acabam por estar sujeitos a estas viagens. Ainda que não possamos concluir e comprovar que o número de praticantes possa vir a aumentar por esta razão específica, tais acompanhantes contribuem de forma significativa para o valor acrescentado do Produto Interno Bruto (PIB).

A maioria da amostra tem conhecimento sobre as boas condições de surf que há em Portugal e tem vontade de visitar o País pois, considera-o como um destino entre “muito bom” a “excelente” para o surf. Neste caso, verifica-se que todos os eventos e

campeonatos realizados em Portugal, como por exemplo, o campeonato do mundo e as ondas gigantes da Nazaré que têm sido notícia nos quatro cantos do mundo, ainda como as várias campanhas do Turismo de Portugal relacionadas com o mar e com o surf, têm tido um efeito tremendo no posicionamento e na imagem de Portugal enquanto destino de férias para praticar surf.

O típico turista de surf admite viajar, no mínimo, uma vez por ano e gastar menos de 2000 Dólares por cada surftrip que realiza. Com a maioria dos surfistas da amostra a afirmar ter intenções de visitar o nosso país e uma parte razoável da amostra a residir na Europa, onde existe hoje uma grande mobilidade e onde a oferta (custo) ao nível dos transportes aéreos tem verificado grandes melhorias (preços cada vez mais acessíveis), se Portugal conseguir preservar as zonas costeiras e, conseqüentemente, as ondas, a par com o desenvolvimento empresarial e incentivo à inovação e melhoramento de produtos e serviços capazes de servir com qualidade quem nos visita, é de esperar que num curto a médio prazo, Portugal se transforme e se afirme como o melhor destino de surf na Europa e um dos melhores do mundo a par da Califórnia ou da Indonésia.

Esta investigação informa ainda sobre um resultado curioso que indica que a maioria dos surfistas inquiridos gastam menos de 300 Dólares por ano em material e que, uma grande percentagem da amostra admite gastar um pouco mais, entre 600-900 Dólares por ano. Com estes dados, concluímos que existe alguma subjetividade nos gastos em material de surf e que, provavelmente, poderá estar relacionada com fatores, como por exemplo, o nível de perícia dos praticantes, área de residência ou ainda, os dias que praticam surf por ano. Assim, tendo em consideração a elevada variabilidade de respostas, limitam uma conclusão mais assertiva sobre os montantes mais precisos e regulares, sendo que seria adequada uma investigação mais profunda sobre esta matéria.

Esperamos que as informações recolhidas na presente investigação possam contribuir para um aumento da procura turística neste segmento, atrair mais investimento, desencadeando mais empregos que proporcionem a motivação da capacidade empresarial e que, contribuam, quer sejam entidades públicas ou privadas, para consolidar Portugal como um importante destino de surf a nível mundial. Com base neste estudo, confirmamos a necessidade de explorar o correto posicionamento

estratégico de Portugal, conforme as características intrínsecas desta modalidade desportiva, seria fundamental para o aumento do turismo de surf.

6.2. Limitações da investigação

A disponibilidade de dados relacionados com o surf é ainda muito escassa em Portugal, pelo que, apenas foi possível analisar dados do turismo em geral e que, refletem não só o turismo de surf mas também muitas outras formas de turismo.

Consideramos que amostra não é totalmente representativa do mercado do turismo de surf, uma vez que os surfistas que se deslocam a zona de Padang Padang e Uluwatu em Bali são, na sua grande maioria de nível técnico de prática da modalidade considerado médio ou avançado pois, esta zona apresenta ondas de dificuldade e perigosidade elevada. Surfistas classificados com nível de principiante ou até as pessoas que procuram uma primeira experiência com o surf, geralmente, não se deslocam a estas zonas para praticar surf pelo que, não estão representados nesta amostra. Esta pesquisa não exclui, portanto, a necessidade de um estudo que inclua um universo maior de turistas de surf.

6.3. Perspetivas de investigação futura

Estão a decorrer outros estudos sobre a empresarialidade relacionada com a atividade desportiva e que, esperamos apresentar num futuro próximo, eventualmente até ao final do presente ano de 2016. Ainda assim, consideramos relevante apresentar os temas destes estudos:

- 1- Efeitos do turismo de surf nas economias locais;

- 2- Impacto dos surfistas nacionais na indústria e no turismo interno de surf em Portugal;

- 3- Análise e caracterização do surfista, nacional e internacional, para uma melhor adequação da oferta de bens e serviços.
- 4- Análise das consequências económicas da destruição de algumas ondas levadas a cabo no passado, como por exemplo o Jardim do Mar na Madeira.

7. REFERÊNCIAS

- Alves, A. (2015). A Economia do Mar em Portugal, A estratégia e a realidade, num retrato doméstico e comunitário. *Banco BPI*, 35-45
- Andrade, V. (2015). Surf vale 400 milhões. *Jornal Expresso*, disponível em <http://expresso.sapo.pt/economia/2015-11-08-Surf-vale-400-milhoes> acesso em 24/07/16
- Antunes, D. (2009). Modelação Física de um recife artificial para o surf em São Pedro do Estoril. (Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Engenharia mecânica). Instituto Superior Técnico, Lisboa.
- Bicudo, P. e A. Horta (2009). Integrating Surfing in the Socio-economic and Morphology and Coastal Dynamic Impacts of the Environmental Evaluation of Coastal Projects, *Journal of Coastal Research* , Special Issue, 1115-1119.
- Buckley, R. (2002). Surf tourism and Sustainable Development in Indo-Pacific Island: I. The Industry and the Islands. *Journal of Sustainable Tourism*, 10, 405-424.
- Comissão Europeia (2012). Crescimento Azul: Oportunidades para um crescimento marinho e marítimo sustentável, Roterdão/Bruxelas.
- Direção Geral de Política de Mar (2013). Estratégia Nacional para o Mar 2013-2020. Disponível em <http://www.dgpm.mam.gov.pt/Documents/ENM.pdf> acesso em 15/07/16
- Dolnicar, S. e M. Fluker (2003). Who's Riding the Wave? An Investigation Into Demographic and Psychographic Characteristics of Surf Tourists, *Council for Australian University Tourism and Hospitality Education working paper*, Victoria University.
- Driscoll, L. e Durham, W. (2010). An Analysis of the Mavericks Wave from an Ecotourism Perspective. Half Moon Bay, California. Disponível em www.savethewaves.org/programs/surfonomics acesso em 15/08/16
- Ecorys (2013). Study in support of policy measures for maritime and coastal tourism at EU level – Final Report, *DG Maritime Affairs & Fisheries*, Roterdão/Bruxelas.
- EuroSIMA – European Surf Industry Manufacturers (2006). *EuroSIMA Surf Summit: the new tracks of surf business*. Disponível em <http://www.eurosima.com/events/Surf-Summit-921-1.html> acesso em 10/08/16
- EMEPC (2009). Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental. Disponível em <http://www.emepc.pt/pt/kit-do-mar/projetos> acesso em 10/08/16
- FPS-Federação portuguesa de surf (2016). Escolas de surf registadas em 2016. Disponível em <http://www.surfingportugal.com/legacy/index/index/o/escolas> acesso em 07/08/16
- Fonseca, J. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.
- Freixo, M. (2009). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Hodges, T., Sadrpour, N., & Wight, J. (2014). Economy impact of surfing on the local economy of Pichilemu, Chile. Disponível em www.savethewaves.org/programs/surfonomics acesso em 15/08/16
- Instituto nacional de estatística, (2013). Influência do Mar na atividade económica. Disponível em www.ine.pt acesso em 12/05/16
- Lima, L. (2000). *Atitudes: Estrutura e mudança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lovett, G., Margules, T., Mustika, e P., & Wright, J. (2014). Accessing direct expenditure associated with ecosystem services in the local economy of Uluwatu, Bali, Indonésia. Disponível em www.savethewaves.org/programs/surfonomics acesso em 15/08/16
- Murphy, M., & Bernal, M. (2008). The Impact of Surfing on the Local Economy of Mundaka, Spain. Save the Waves Coalition – Protecting Surf Spots Globally, College of Oceanic and Atmospheric Sciences Oregon State University e University Madrid, Spain.
- Pereira, L. (2013). *Economia azul e o Valor das Ondas, o Caso do Surf*. Lisboa: Universidade Nova.
- Poon, A. (2003). *Competitive strategies for a new tourism*. Classic Reviews in Tourism. Clevedon: Channel View.
- PORDATA (2016) Base de dados de Portugal contemporâneo. Disponível em www.pordata.pt acesso em 14/08/16
- Rebelo, C. (2010). O perfil do turista praticante de surf em Peniche, (Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Desporto), Instituto Politécnico de Santarém, Leiria.
- SaeR-Sociedade de Avaliação Estratégica e Risco (2009). O Hypercluster do Mar. Disponível em: <http://feemar.weebly.com/hypercluster-do-mar.html> acesso em 03/08/2016
- Save The Waves Coalition (2014). Surfeconomy study of Huancho, Perú. Disponível em www.savethewaves.org/programs/surfonomics acesso em 15/08/16
- Schlüter, R. (2003). *Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria*. São Paulo, Brasil, Aleph.
- Silva, H. (2012). *Ericeira – Reserva Mundial de Surf*. Ericeira: Instituto de Cultura Europeia e Atlântica.

Standeven, J. e P. De Knop (1999), *Sport Tourism*. Champaign, EUA: Human Kenetics.

Surf Total. (2016). A História do surf: as raízes Disponível em <http://surftotal.com/noticias/historia/item/1849-a-historia-do-surf-as-raizes> acesso em 20/07/16

Turismo de Portugal (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo – Para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal*. Lisboa: Turismo de Portugal.

UNWTO – World Tourism Organization (2013). Annual report. Madrid .

VOW-Value of waves (2014) Relatório grupo dinâmico, Cascais na crista da onda.

Disponível em

www.valueofwaves.org/uploads/1/1/4/2/11420190/relatorio_fg_vow_cascais_2014-10-02.pdf acesso em 10/07/16

VOW-Value of waves (2014). Relatório grupo dinâmico, Peniche na crista da onda. Disponível em

http://www.valueofwaves.org/uploads/1/1/4/2/11420190/relatorio_fg_vow_peniche_2013-11-30.pdf acesso em 20/07/16

Outros sites consultados:

Câmara municipal de Cascais, www.cm-peniche.pt

Câmara municipal de Peniche, www.cm-cascais.pt

Câmara municipal da Nazaré, www.cm-nazare.pt

Portal da Energia, <http://www.portal-energia.com/ondas-e-mares/>

Save the Waves, www.savethewaves.org Surflin,

www.surflin.com

Surfrider Foundation, www.surfrider.org

Surf Portugal, www.aeiou.surfportugal.pt

S.O.S. – Salvem o Surf, <http://salvemosurf.org/sos>

8. APÊNDICES

Apêndice A

Cronograma

Actividades	Dez 2015	Jan- 16	Fev 2016	Mar- 16	Abr 2016	Mai 2016	Jun- 16	Jul- 16	Ago 2016	Set 2016
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X						
Concepção da Metodologia	X	X	X	X	X					
Questionário			X	X	X	X				
Recolha de Dados	X	X	X	X	X	X	X			
Análises Exploratória							X	X	X	X
Conclusões								X	X	X
Revisão do Trabalho		X		X		X	X	X	X	X

Apêndice B

Questionário

SURVEY ON THE VALUE OF SURF AND THE WAVES IN PORTUGUESE ECONOMY

This survey is an essential part of the research on the economic value of the waves in Portugal, under the course for Master degree in Management at the Atlântica University of Lisbon. Your participation is critical to the success of this study. The survey takes only 2 minutes to be filled out.

Your answers are neither right nor wrong: what really matters is your opinion.

So, please be honest.

Collected data will be used to analyse the potential impact of Surfing in Portuguese economy and show the importance of preserve good surfspots. If you would like to receive the findings of this study, please send me an email andrefdcampos10@gmail.com

Thank you in advance!

1. What is your gender?

- Female
- Male

2. What is your age?

- From 18 to 24 years old
- From 25 to 34 years old
- From 35 to 44 years old
- From 45 to 54 years old
- From 55 to 64 years old
- From 65 to 74 years old
- Over 75 years old

3. In what continent do you live?

- Australia
- United States
- South America
- Africa
- Asia
- Europe

4. How many surf trips do you make per year?

- 1
- 2
- 3 or more
- I don't do

5. How much do you spend in one surf trip? (Including plane, transports, accommodation and food)?

- 500 USD
- 500 to 1000 USD
- 1000 to 2000 USD
- 2000 to 3000 USD
- 3000 to 4000 USD
- 4000 to 5000 USD
- 5000 or more USD
- I don't do surf trips

6. How much you spend in surf material per year?

- Less than 300 USD
- Between 300 a 600 USD
- Between 600 a 900 USD
- More than 900 USD

7. Do you know about Portugal and the quality of the waves over here?

- Yes
- No

8. Have you ever been in Portugal?

- Yes
- No

9. Do you consider to visit (revisit) Portugal for surfing?

- Yes
- No

10. From 1 to 5 what is your opinion about Portugal as surfing destination?

This 5-point scale ranges from 1-I Don't recommend, 2-Poor, 3- Normal, 4- Very good and 5- Excellent

1	2	3	4	5

Thank you for taking out this survey. Your answers are key to the success of my study.

